

A preparação da acção ofensiva em Futebol.

Estudo das percepções de treinadores do Campeonato Nacional de Juniores da primeira divisão.

Tiago Filipe Silva Salgado

Porto, 2009

A preparação da acção ofensiva em Futebol.

Estudo das percepções de treinadores do Campeonato Nacional de Juniores da primeira divisão.

Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e Educação Física, na área de Alto Rendimento – Futebol, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Orientado por: Professor Doutor Júlio Manuel Garganta Silva

Realizado por: Tiago Filipe Silva Salgado

Porto, 2009

Provas de Licenciatura

Salgado, T. (2009). *Defender para atacar... Estudo sobre a preparação da acção ofensiva no Campeonato Nacional de Juniores da Primeira Divisão*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-Chave: Futebol; Modelo de jogo; Concepção de jogo; Transição ofensiva.

Dedicatória

Aos meus pais...pela oportunidade que com custo me proporcionaram!

Agradecimentos

Ao professor Júlio Garganta, pelo esforço que certamente fez para responder e corrigir questões relacionadas com o trabalho, sempre de forma célere, mesmo durante uma fase em que tinha a agenda super preenchida.

A duas pessoas que também marcaram o meu percurso académico, o professor Vítor Frade e o professor Leandro Massada. Ao primeiro pela forma apaixonante com que nos fala de Futebol e nos transmite os seus pontos de vista. Ao segundo pelo que representa na faculdade e no nosso país, também pela forma descontraída e prática com que transmite conhecimentos.

Aos meus pais, por demonstrarem todos os dias que sou a pessoa mais importante das suas vidas, e pela educação que me proporcionaram.

À equipa da manta rota (Luís, Ângela, Pedro, Ita, Romain, Rocha e Ruben), por tudo. Pela capacidade de tornarem cada dia, uma dia recheado de boa disposição; por me proporcionarem momentos de diversão aprendendo sempre muito uns com os outros.

Ao gang do multibanco (Huguinho, Néné, Pedrinho, Chico, Cristof, Vilas, Nuno, Diogo, Nádia e Telma), por todas as noites e aventuras passadas que nos fazem sentir vivos.

Índice

Dedicatória.....	V
Agradecimentos.....	VII
Índice Geral.....	IX
Resumo.....	XIII
Abstract.....	XV
1. Introdução.....	1
2. Revisão da Literatura.....	3
2.1. A <i>dimensão táctica</i> como condicionante decisiva para o sucesso.....	4
2.1.1. <i>Táctica</i> como base de uma linguagem colectiva comum...	5
2.2. Modelo de Jogo: a impressão digital do treinador.....	8
2.2.1. Importância do <i>Modelo de Jogo</i> na orientação de todo um processo.....	11
2.2.2. <i>Concepção e Modelo de Jogo</i> : duas realidades.....	12
2.3. Futebol: um jogo de transições.....	14
2.3.1. Transição ofensiva.....	15
2.3.1.1. A organização defensiva – apenas metade de um propósito.....	16
2.3.1.2. Momento de recuperação da bola.....	19
2.3.1.3. Métodos de jogo ofensivo.....	20
2.4. Relação defesa – ataque.....	21
2.5. O <i>plano estratégico</i> na organização do jogo.....	23
3. Material e Métodos.....	25
3.1. Caracterização da amostra.....	25
3.2. Condições de recolha de informação.....	27
3.3. As entrevistas.....	27
3.4. Delimitação dos objectivos da pesquisa.....	27

3.5. Definição das categorias.....	28
4. Apresentação e discussão do conteúdo das entrevistas.....	31
4.1. Sistema de Jogo.....	31
4.1.1. A influência do clube na construção do sistema.....	33
4.2. A organização defensiva – apenas metade de um propósito.....	36
4.2.1. A liberdade defensiva.....	39
4.2.2. A pressão exercida.....	41
4.3. O momento da recuperação da bola.....	44
4.4. Relação defesa – ataque.....	48
4.4.1. No treino.....	50
4.5. O <i>plano estratégico</i> na organização do jogo.....	51
5. Conclusões.....	55
6. Sugestões para Futuros Trabalhos.....	59
7. Referências Bibliográficas.....	61
8. Anexos.....	I
Anexo I (Entrevista).....	I
Anexo II (Entrevista a Luís Ferreira).....	III
Anexo III (Entrevista a Eduardo Mendez (Dito)).....	XV
Anexo IV (Entrevista a Raul Machado (Ruca)).....	XXVII
Anexo V (Entrevista a José Lopes).....	XXXVII
Anexo VI (Entrevista a Baptista).....	XLVII

Índice de Quadros

Quadro 1.....	25
---------------	----

Resumo

No jogo de Futebol, as fases defensiva e ofensiva estão intimamente relacionadas, o que sugere que o modo como as equipas defendem não pode ser independente da forma como pretendem atacar. Por conseguinte, o acto de defender não deverá esgotar-se na tentativa de não sofrer golos.

No presente estudo procura-se perceber a importância que a preparação da acção ofensiva tem, para cada treinador, no âmbito do seu Modelo de Jogo. Pretende-se igualmente dividir as medidas predominantemente adoptadas para preparar a acção ofensiva e examinar a relação entre essas medidas e os resultados desportivos alcançados.

Para o efeito realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental, complementada por entrevistas semi-estruturadas a treinadores do Campeonato Nacional de Juniores da 1ª divisão (Zona Norte): Luís Ferreira do Vitória de Guimarães; Eduardo Mendez (Dito) do S.C. Braga; Raul Machado (Ruca) do Gil Vicente F.C; José Lopes do F.C. Famalicão; Fernando Baptista do F.C. Vizela.

Da análise do conteúdo das entrevistas e do respectivo cruzamento com a informação proveniente da revisão bibliográfica, foi possível concluir que: (i) Todos os treinadores entrevistados declaram utilizar a defesa à zona como método defensivo preferencial; (ii) Verifica-se congruência entre a forma como os treinadores pretendem que a sua equipa defenda e a forma como desejam que esta ataque; (iii) Apenas um dos treinadores entrevistados admite dispensar um, ou mesmo dois jogadores da fase defensiva para posteriormente o libertar para a acção ofensiva; (iv) Os responsáveis por equipas com melhores resultados desportivos desejam que os seus jogadores permaneçam maioritariamente no meio campo adversário; (v) Os responsáveis das duas equipas melhor posicionadas na tabela classificativa apontam como referências ofensivas, depois da recuperação da bola, jogadores com posições mais recuadas no terreno do que os restantes treinadores que pretendem que a equipa utilize elementos da frente de ataque como referência.

Palavras-Chave: FUTEBOL; MODELO DE JOGO; CONCEPÇÃO DE JOGO; TRANSIÇÃO OFENSIVA; ESTRATÉGIA.

Abstract

In a Soccer game defensive and offensive phases are intimately related, which indicates that the way teams defend cannot be independent from the way they plan to attack. Therefore, the defense shouldn't only be limited to trying not to suffer any goals.

In this study, the objective is to understand the importance that each coach has for the preparation of the offensive action under their game model. I also intend to identify all of the measures predominantly adopted to prepare the offensive action and examine the relationship between these measures and the match results achieved.

For this purpose, bibliographic and documentary research was held, complemented by semi-structured interviews with coaches of the Premier League Juniors National Cup (North): Luis Ferreira from Vitória de Guimarães; Eduardo Mendez (Dito) from S.C Braga; Raul Machado (Ruca) from Gil Vicente F.C ; José Lopes from F.C. Famalicão and Fernando Baptista from F.C. Vizela. From the content analysis of the interviews and their crossing with the information from the bibliographic review it was possible to conclude that: (i) All interviewed coaches declare using zone defense as a preferred defensive method; (ii) There is congruence between the way coaches want their team to defend and the way they want the team to attack; (iii) Only one of the interviewed coaches admits to going without one or even two players from the defensive phase, so that they could later be released for offensive action; (iv) Those responsible for teams with better match results hope that their teams play mostly in midfield adversary; (v) Those responsible for the two teams better positioned in the qualifying table point out as offensive references, after ball recovery, players with positions further out in the field than other coaches who want the team to use forward field elements as a reference.

Key Words: SOCCER; GAME MODEL; GAME DESIGN; OFFENSIVE TRANSITION; STRATEGY.

1. Introdução

Embora o Futebol tenha conquistado a designação de “Desporto Rei” muito à custa da sua espectacularidade, pelas exigências competitivas e financeiras, os clubes e seus responsáveis estão sujeitos a pressões que fazem crescer a tentação de discriminar o ataque em detrimento da atitude defensiva, receando de sobremaneira resultados negativos.

É importante para a promoção da modalidade que os clubes pretendam ganhar, ao invés de tentar apenas não perder, sistematizando estratégias para uma procura eficaz do objectivo máximo do jogo, o golo.

Defender não deve ser um fim em si mesmo. No entanto existem equipas que procuram, por todos os meios, não sofrer golos, daí a comum obsessão por tentar proteger a baliza em detrimento de tentar procurar a bola (Amieiro, 2004).

Para Garganta (2003), a equipa que aposte em jogar um futebol ofensivo desfruta de mais possibilidades de vitória, embora isto não deva significar que seja descurado o capítulo defensivo, até porque não é possível atacar bem se, a defender, a equipa não estiver preparada para tal.

Assim, não podemos esquecer a relevância da organização defensiva para o desenvolvimento do ataque; esta irá influenciar a transição defesa – ataque da equipa e posteriormente todo o processo ofensivo (Reis e Garganta, 2005).

Desta forma, face à natureza complexa e não linear do jogo, o momento ofensivo começa a ser preparado ainda na fase defensiva – com o garante de um equilíbrio ofensivo na defesa. É fundamental antecipar o momento de recuperação da posse da bola. Trata-se de conseguir uma harmonia posicional, perspectivada em função da forma como se deseja realizar a transição defesa-ataque (Amieiro, 2004). Procura-se, assim, um posicionamento defensivo que permita uma passagem célere ao ataque, em segurança e congruente com os princípios ofensivos da equipa.

Por conseguinte, neste estudo procuraremos perceber mais sobre a preparação da acção ofensiva, que se assume progressivamente como uma das grandes preocupações das equipas bem sucedidas.

2. Revisão da Literatura

Nos jogos desportivos colectivos (JDC), a dimensão táctica prevalece sobre as demais, dado que as acções desenrolam-se em cooperação directa com os companheiros de equipa e em oposição com os adversários (Teodorescu, 1984; Garganta & Pinto, 1995; Garganta, 1997; Pereira, 2005). Garganta (1998) afirma que os JDC são actividades férteis em acontecimentos cuja frequência, ordem cronológica e complexidade não podem ser determinadas antecipadamente e que aos jogadores é requerida uma permanente atitude estratégico-táctica.

No caso do Futebol, considerado também uma modalidade desportiva eminentemente táctica (Teodorescu, 1984), existe do mesmo modo uma necessidade de resolução de situações de jogo, isto é, problemas tácticos variáveis e imprevisíveis que derivam do elevado número de adversários e companheiros apresentando objectivos distintos (Castelo, 1996).

Garganta, Marques & Maia (2002) partem do mesmo pressuposto, afirmando que apesar do rendimento desportivo ser multidimensional, a dimensão táctica, no desporto em geral mas no futebol em particular, parece condicionar bastante a prestação de jogadores e das respectivas equipas.

Não obstante, os especialistas têm procurado melhorar e ampliar o conhecimento neste domínio, existindo uma multiplicidade de linhas de investigação que, utilizando processos metodológicos divergentes, tentam compreender a lógica que governa o jogo de Futebol.

Assim, através de uma breve revisão do estado da arte, tentaremos esclarecer os temas necessários para uma melhor compreensão do nosso tema, expondo apenas as linhas de pensamento que nos parecem mais consensuais.

2.1 A dimensão táctica como condicionante decisiva para o sucesso.

“Na evolução do Futebol, as considerações tácticas apareceram quando o resultado dos encontros se tornou mais importante que o jogo em si.”

A. Wade (1981, In Garganta, 1997)

É comum afirmar que o rendimento competitivo é multidimensional por serem vários os factores que concorrem para a sua realização (Garganta, 2002). No entanto, parece ser a faceta táctica, enquanto dimensão unificadora que dá sentido e lógica a todas as outras (Teodorescu, 1984; Castelo, 1994, 1996; Garganta, 1997), condicionando a prestação tanto dos jogadores como das equipas de Futebol.

Segundo Garganta (2002) face ao jogo, o problema primeiro é de natureza táctica, isto é, o praticante deve saber *o que fazer*, para poder resolver o problema decorrente, *o como fazer*, utilizando posteriormente a resposta motora mais adequada.

Tavares & Faria (1996) e Garganta (1996) alertam contudo, para o facto de a dimensão física ter vindo a ser sobredimensionada ao nível dos exercícios de treino em detrimento da dimensão cognitiva. Este fenómeno é resultado de um sentido construtivista da estrutura de rendimento, apesar da natureza de inter-acção do jogo, nas suas componentes de adversidade e cooperação que caracterizam as acções, lhes conferir uma clara determinação segundo um ponto de vista táctico.

Paradoxalmente, os factores tácticos são ainda pouco investigados devido à dificuldade que o seu estudo envolve do ponto de vista científico (Garganta et al., 2002). No entanto, os especialistas têm procurado melhorar e ampliar o conhecimento neste domínio, existindo uma multiplicidade de linhas de investigação que, utilizando processos metodológicos divergentes, tentam compreender a lógica que governa o jogo de Futebol.

Torna-se então importante reflectir sobre esta “dimensão coordenadora do jogo” (Frade, 2006).

2.1.1 *Táctica* como a base de uma linguagem colectiva comum

A *táctica* não significa somente uma organização em função do espaço de jogo e das missões específicas dos jogadores, mas pressupõem, em última análise, a existência de uma concepção unitária para o desenrolar do jogo ou, por outras palavras, um conjunto de linhas orientadoras dos comportamentos dos jogadores que lhes permite estabelecer uma **linguagem colectiva comum** (Castelo, 1996).

Vários autores procuram colocar em evidência a necessidade de um sistema de comunicação articulado no seio das equipas, para coordenar as acções de cada jogador. Castelo (1996) afirma que o conceito de comunicação está bem no centro do problema humano, em que o domínio dos JDC não escapa a esta corrente teórica, uma vez que, comunicar não é mais do que por em comum, e por isso mesmo não é uma acção individual mas sim uma inter-relação.

Constantemente verificamos a atribuição de expressões ou significados ao termo *táctica*, que muitas vezes querem significar realidades diversas.

Guilherme Oliveira (2004) distingue dois conceitos que variadíssimas vezes são confundidos com o termo *táctica*. Face à evolução da dinâmica do jogo, o autor refere como sendo adequado chamar-se **organização estrutural** à disposição inicial dos jogadores em campo (1-4-2-4, 1-4-4-2, 1-4-3-3...) e **sistema de jogo** ao conjunto da organização estrutural, da organização funcional, da dinâmica, que a equipa conquista em jogo, e das respectivas particulares específicas que lhe dão sentido, evidenciando uma determinada forma de jogar. Estes conceitos, embora relacionados com o termo *táctica*, não o definem só por si.

É muito comum a atribuição do termo *táctica* ao sistema de jogo de uma equipa ou mesmo à sua organização estrutural. Porém, *táctica*, tal como refere Garganta (1997), não traduz apenas uma organização das variáveis físicas (tempo e espaço) do jogo, envolve também, e sobretudo, uma organização informacional. Neste sentido, apresentamos alguns entendimentos do que é realmente a *táctica*.

Barth (1994, cit. por Garganta, 1997: 33) define *táctica* como modos de comportamento, acções e operações individuais e colectivas dos atletas e da equipa, realizados tendo em conta as regras, o comportamento dos adversários e dos colegas de equipa, assim como as condições externas com o objectivo de obter o melhor resultado competitivo possível.

Já para Marchi (1995, cit. por Garganta, 1997: 34), *táctica* pode ser encarada como uma acção racional efectivada por um ou mais jogadores com o intuito de atingir um determinado propósito.

Conseguir um funcionamento integrado e coordenado como equipa não resulta de um processo simples nem de fácil aquisição. Formar uma equipa necessita que os jogadores unifiquem padrões de conduta, isto é, que analisem da mesma forma uma determinada situação e que seleccionem as mesmas respostas (Pereira, 2005).

As múltiplas configurações do jogo exigem a definição do foco do treino e do jogo sobre a capacidade de processamento da informação e das decisões (Garganta, 1996; Araújo, 2005), determinando a acção táctica como um comportamento de decisão para a actuação, ou seja, “uma sequência interdependente de decisões e de acções que devem ser tomadas em tempo útil, num contexto em mudança e para um determinado fim” (Araújo, 2005: 24), contribuindo assim para o projecto colectivo da equipa.

Podemos assim afirmar que cada equipa deve construir uma cultura organizacional específica, que seja capaz de a distinguir das demais e de funcionar como factor unificador dos seus próprios elementos. Pinto (1996) fortalece esta opinião referindo que numa equipa é a *táctica* que permite, a partir de um conjunto heterogéneo de elementos, criar uma unidade homogénea, proporcionando a emersão de características próprias de uma equipa, que podem não reflectir em absoluto, as características dos seus elementos.

Se observarmos um jogo de Futebol minimamente organizado, mesmo que ambas as equipas em confronto não se distingam pelo equipamento, é possível, identificar os jogadores de cada uma delas. Esta possibilidade resulta do facto da referida relação de oposição/cooperação, para ser sustentável e

eficaz, necessitar que cada elemento adopte comportamentos congruentes com as sucessivas situações do jogo, de acordo com os respectivos objectivos de sinal contrário que cada uma das equipas possui (Garganta, 2002).

Na verdade, Frade (2002, in Amieiro, 2005: 61) questiona: “o que é que, em última análise, uma equipa de top tem? Uma equipa de top tem organização, tem determinada densidade de coisas, tem determinadas regularidades que fazem com que, tanto a defender como a atacar, seis ou sete jogadores pensem em função da mesma coisa ao mesmo tempo”. Subentende-se então aqui uma ideia de entendimento colectivo e que esse entendimento irá permitir o cumprimento dos objectivos do jogo (Faria, 2002).

Ou seja, nas acções de uma equipa deve verificar-se congruência operacional, sustentada por inteligências individuais ao serviço da inteligência colectiva. É a partir desta harmonia, fundamentada num conjunto de regras de acção e de princípios de gestão de índole táctica, empiricamente observáveis através de padrões de conduta regulares e estáveis, que a eficácia emerge.

2.2 Modelo de Jogo: a impressão digital do treinador

Se pretendemos compreender um sistema complicado devemos simplificá-lo; se queremos entender um sistema complexo devemos modelá-lo.
(Le Moigne, 1990: 10)

De acordo com Garganta (1997) o sentido original da palavra *modelo* exprime o que se deve copiar, ou o que se impõe necessariamente, do mesmo modo que o molde ou a matriz impõe à matéria uma forma pré-determinada.

Já Castelo (1996: 379) entende que modelo é “(...) um ensaio, uma aproximação, uma maquete mais ou menos abstracta que representa os aspectos fundamentais, apresentados de uma forma simplificada de uma ou varias situações, permitindo assim, uma melhor interpretação das variáveis que esta em si encerra”.

Sendo assim, jogo e modelação parecem à primeira vista dois conceitos muito distantes, no entanto, alguns autores tentam estabelecer uma relação entre eles.

Porém, Carvalhal (2000) sugere uma possível relação, o autor afirma que o processo de modelação é elaborado em função da concepção que o treinador tem de Futebol, contudo, sem nunca desprezar a concepção de jogo que os jogadores possuem.

Marina (1995, cit. por Garganta, 1997: 113) refere que “Treinar é modelar através de um projecto (...)”, sendo que através do processo de treino podemos intervir ao nível da qualidade de jogo da equipa e dos jogadores.

Assim, tendo noção que existe uma relação de dependência entre treino e competição, Garganta (1997) refere que, o como se quer jogar é o como se deve treinar, daí o processo de treino desportivo ter como objectivo primário desenvolver a prestação desportiva de forma a esta ser aplicada na competição. Competição esta que serve simultaneamente de referência para aferir a qualidade do processo na sua globalidade.

O Futebol apresenta-se como um desporto com características muito específicas, logo, também a preparação para a competição – entenda-se, o treino – terá de ter essa especificidade (Resende, 2002). Sendo assim, modelar o treino da forma coerente com o Modelo de Jogo é fundamental na construção de um processo de qualidade.

Paradoxalmente, e à semelhança dos temas anteriores, não existe apenas uma definição para Modelo de Jogo, nem tão pouco apenas um modelo de jogo ideal.

Para Garganta (1996), o Modelo de Jogo é entendido como sendo um conjunto de ideias, pontos de referência fundamentais, em relação aos quais vamos aferir comportamentos.

“O Modelo de Jogo é uma coisa muito complexa e muitas vezes as pessoas são muito redutoras no entendimento deste conceito de modelo, porque pensam que é apenas um conjunto de comportamentos e ideias que o treinador tem para transmitir a determinados jogadores. E só isso.” (Guilherme Oliveira, 2008: 156).

Saber-se aquilo que se pretende em todas as circunstâncias do jogo, permite a definição de regras ou princípios que orientem os jogadores e a equipa em todos os momentos do nosso jogo e que se fundamentam no conceito de Modelo de Jogo Adoptado (Freitas, 2005).

Por sua vez, Castelo (1996) refere que o Modelo de Jogo permite, por um lado definir e reproduzir com rigor todo o sistema de relações entre os diversos elementos que constituem uma equipa e por outro permite, a partir das conclusões retiradas, tirar novas conclusões de forma a racionalizar e otimizar novas ideias e concepções referentes às situações de jogo.

O mesmo autor (1998) acrescenta ainda que o Modelo de Jogo tem a ver com um conjunto de factores: cultura do clube; subsistema estrutural; sistema de jogo; funções dos jogadores nesse sistema; sistema metodológico; questão relacional que são os princípios de jogo ofensivos e defensivos; subsistema técnico-tático no plano ofensivo, defensivo, individual e colectivo; e com o subsistema tático-energético.

O treinador de futebol deve procurar então, encontrar uma forma de transmitir a sua ideia de jogo, utilizando uma linguagem acessível a todos os elementos da equipa e, acima de tudo, adoptar uma operacionalização coerente, em conformidade com o seu modelo de jogo e com os princípios de jogo inerentes a esse mesmo modelo (Frade, 2006).

Modelo de Jogo não deverá, no entanto, marginalizar a abertura e a criatividade, mas sim reproduzir um sistema de relações ou de inter-relações entre os vários elementos de uma equipa (Castelo, 1996). Na mesma linha de pensamento, Freitas (2005) refere que o modelo será tanto mais rico quanto mais possibilitar aos jogadores acrescentar a sua própria criatividade e talento em jogo, sem, no entanto, adulterar as premissas do próprio modelo.

Pinto e Garganta (1996) padecem de opinião idêntica, quando afirmam que o treinador, no momento da construção do modelo de jogo para a sua equipa, para além de ter necessidade de considerar as suas ideias, as tendências evolutivas deve também considerar as características morfo-funcionais e socioculturais dos jogadores que entrarão nesse modelo de jogo.

Frade (1985) acrescenta ainda que o Modelo de Jogo se caracteriza por ser uma referência, o qual se deseja atingir, devendo estar sempre a ser visualizado havendo portanto a necessidade de construir o presente em função daquilo a que se aspira, tratando-se de um processo que nunca estará concluído.

Pelo exposto, concordamos com Guilherme Oliveira (2008) quando afirma que o Modelo de Jogo tem de considerar vários aspectos centrais, sendo que um deles é, sem dúvida, a concepção que o treinador tem de jogo ou seja com as suas ideias de jogo. O mesmo autor rejeita desta forma a expressão de “*Nós adoptamos um modelo de jogo*”. Guilherme Oliveira (2008: 153) refere que “os treinadores transmitem determinado tipo de ideias que querem que os jogadores assumam em termos de jogo, os jogadores vão receber essas ideias e vão reconstruir essas ideias. Por isso, há uma *criação* de um modelo e não uma *adopção* de um modelo”.

2.2.1 Importância do *Modelo de Jogo* na orientação de todo um processo

O Modelo de Jogo é a forma como queremos jogar, é a cultura do clube, é a relação com a formação, é ...TUDO.

(Frade, 2006)

A abrangência do Modelo de Jogo determina a sua importância, já que procura integrar todos os aspectos importantes para a reflexão sobre a forma de jogar. Em termos gerais, procura a definição de uma cultura de jogo, uma filosofia de jogo, uma sentimentalidade que abranja toda a equipa, que una todo o colectivo (Gaiteiro, 2006; Silva, 2008).

Guilherme Oliveira (2004), aponta o Modelo de Jogo como aspecto essencial do processo de treino, referindo mesmo que, sem ele, o processo deixa de ter sentido, uma vez que é a partir do Modelo de Jogo que tudo se irá orientar, elaborar e desenvolver.

O mesmo autor (2006) reforça esta reflexão, afirmando que existe uma necessidade do Modelo de Jogo estar presente a todo o instante para que as coisas se direccionem sempre no sentido que o treinador pretende.

Assim pensa também Faria (1999, p. 49) para quem “o *Modelo de Jogo condiciona um modelo de treino, um modelo de exercícios e, necessariamente, um modelo de jogador.*” A sua existência torna-se assim a base fundamentadora de tudo. Carvalhal (2001), na mesma ordem de ideias, entende que este é como que o guião de todo o processo de treino.

O Modelo de Jogo permite condicionar as opções dos jogadores para um padrão de possibilidades, ou seja, orienta as decisões dos jogadores (Gomes, 2006). Naturalmente que não basta a mera existência de um Modelo de Jogo para que os comportamentos sejam orientados nesse sentido, é necessário treiná-lo de forma a enraizá-lo no imaginário dos jogadores e da equipa.

No jogo de futebol existem características tão específicas como, por exemplo, a tomada de decisão dos jogadores em determinada circunstância de jogo. Estas tomadas de decisões, não podem acontecer ao acaso, mas sim, ter como base certos princípios que farão com que a equipa actue com uma lógica

interna de funcionamento. Assim, o modelo de jogo permite condicionar as escolhas dos jogadores para um padrão de possibilidades ou seja, orienta as decisões dos jogadores.

2.2.2 Concepção e Modelo de Jogo: duas realidades

À primeira vista poderemos cair no erro de considerar como sinónimos Concepção de Jogo e Modelo de Jogo, contudo, apesar de terem influência um no outro, são dois conceitos manifestamente diferentes.

Para Guilherme Oliveira (2004: 149) “(...) a concepção está relacionada com o plano da organização das ideias, enquanto o modelo permite a operacionalização dessa mesma concepção.”.

Silva (2008), por sua vez, corrobora a opinião de Castelo (1996) e refere que a escolha e aplicação, no treino e na competição, de todo um conjunto de ideias é de exclusiva responsabilidade do treinador e tendo ele uma Concepção de Jogo, tem necessidade de adaptar essa concepção à especificidade dos jogadores individualmente e à equipa no seu conjunto, procurando ir de encontro à concretização das finalidades a que se propuseram.

Guilherme Oliveira (2004) vai mais longe, referindo que aquando da construção de um Modelo de Jogo para uma equipa terá de se ter em conta: a Concepção de Jogo do treinador, as capacidades e características dos jogadores, os princípios de jogo, as organizações estruturais e a organização funcional. Portanto, não restringe a sua perspectiva apenas à Concepção de Jogo do Treinador.

A Concepção de Jogo é algo que cada treinador tem de forma natural. É a sua visão acerca do futebol. O treinador é o líder de todo o processo, ou pelo menos, é o seu líder visível. E como líder terá de fazer com que as suas ideias cheguem aos jogadores e essas ideias não são mais que a sua Concepção de Jogo. Contudo, o Modelo de Jogo pode ser construído por ele, ou não. Pode, por exemplo, já existir no clube. Entendemos que mesmo que não seja o

treinador a construí-lo, este terá sempre uma “palavra a dizer”, na sua constante reconstrução diária.

No fundo, é o que Guilherme Oliveira (2008) quer dizer ao referir que, quando um treinador é contratado por um clube traz as suas ideias de jogo com ele, mas que no entanto, terá também de se adaptar à cultura do clube em questão, que poderá até ter um Modelo de Jogo para todos os escalões do clube, por exemplo. Neste caso, o treinador terá de adaptar a sua concepção de jogo, recriando esse mesmo Modelo mantendo parte e acrescentando as suas ideias de jogo principais. Mais não é que um processo de adaptação para daí se extrair um Modelo “final”, que contemple todas estas premissas. Modelo esse que ele terá de conhecer aprofundadamente.

2.3 Futebol: Um jogo de transições

O jogo caracteriza-se por complexas relações de oposição e de cooperação que decorrem dos objectivos de jogadores e equipas, assim como do conhecimento que estes possuem do jogo, de si próprios e dos adversários (Garganta & Oliveira, 1996).

Podemos desta forma classificar o jogo de Futebol como um desporto colectivo que se caracteriza pela disputa de uma bola, com o objectivo de marcar golo (mais do que o adversário) e, assim, conquistar a vitória; num mesmo momento, a posse de bola por uma equipa determina que se encontra em fase de ataque, enquanto o opositor procura recuperá-la, estando em fase defensiva (Castelo, 1996). Desta forma, são identificadas duas fases de jogo: a fase defensiva e a fase ofensiva.

A fase defensiva é aquela em que não se possui a bola, estando esta sobre controlo directo do adversário, tendo como objectivo recuperar a sua posse para, assim, passar a atacar; Castelo (1996, p. 36) afirma que esta fase se trata “como uma forma de recurso”, já que o objectivo do jogo é o de marcar golo. Quanto à fase ofensiva, o mesmo autor (1996, p. 36) diz-nos que “só processo ofensivo contém em si uma acção positiva”, falando mesmo em “conclusão lógica – o golo”, partindo da posse da bola como meio para controlar a obtenção do mesmo.

Contudo, tal como refere Garganta (2003a) é ainda necessário algo para o completo entendimento do jogo pelas “suas conexões e (...) como um fluxo contínuo”, como algo continuado e não faseado ou quebrado. Assim, ressalta daqui a ideia que não basta “só” defender ou “só” atacar, é imprescindível “ligar” estes dois momentos, no sentido de os potenciar para um rendimento superior com base num entendimento global do jogo.

Não surpreende então o facto de vários autores e treinadores, analisarem o jogo como tendo quatro momentos, sendo estes os de organização ofensiva, transição ataque-defesa, organização defensiva e transição defesa-ataque (Frade, 1985, 2006; Ferreira, 2003; Mourinho, 2003; Guilherme Oliveira, 2004; Amieiro, 2005).

Guilherme Oliveira (2004) refere que as transições se caracterizam por situações de possível desorganização momentânea e pela mudança de funções, sendo o propósito fundamental aproveitar breves segundos da sua duração para alcançar os objectivos a que o colectivo se propõe.

Ferreira (2003) e Mourinho (2003) identificam mesmo estes momentos como de crucial importância no jogo.

Amieiro (2005) concorda com os autores anteriores e acrescenta que a eficácia nos momentos de transição está intimamente relacionada com o modo como a equipa está organizada antes desses momentos, é assim, necessário conceber o equilíbrio da equipa no jogo. Ou seja, o autor faz aqui referência ao equilíbrio defensivo no ataque e ao equilíbrio ofensivo na defesa.

2.3.1 Transição ofensiva

Um exemplo prático e concreto é fornecido por Guilherme Oliveira (2003a: Anexo 2) quanto ao que pretende ao nível das transições para a sua equipa: “relativamente à transição defesa-ataque eu pretendo dois princípios fundamentais. O primeiro é que quando se ganha a posse de bola, caso seja possível, esta deve entrar jogável no jogador que se encontra à frente da zona de recuperação da bola, ou seja, exista logo um passe em profundidade, que só deve ser feito se tivermos a certeza que ficamos com a posse de bola, ou seja, se for um passe de risco não o deveremos realizar. Se tal não for possível, aquilo que eu pretendo é que a bola saia da zona de pressão, ou seja, saia da zona onde esta foi recuperada.”

Assim, essa acção de ataque tem por objectivo criar e aproveitar o espaço, através de movimentações, para que o adversário não tenha tempo para se organizar defensivamente (Castelo, 1996). Logo, passar rapidamente de uma mentalidade defensiva para uma mentalidade ofensiva é uma característica das equipas bem sucedidas (Lillo, 2003).

Castelo (1996) vai mais longe adiantando uma forma de facilitar o êxito das transições ofensivas, este afirma que os jogadores da equipa que não

intervierem directamente no momento defensivo, ou seja, não participam nas acções que visão a recuperação da posse da bola, devem preparar a acção ofensiva através de movimentações que criem espaços vazios que possam ser utilizados no ataque; com estas movimentações vão obrigar os oponentes a terem mais preocupações com a própria baliza e respectivo equilíbrio defensivo, do que no ataque à baliza adversária. Lillo (2003) é da mesma opinião, segundo o autor, um jogador que não pode entrevir na defesa, deve colocar-se para atacar, da mesma forma que quando não pode participar no ataque terá de colocar-se para defender.

Assim, Ferreira (2003) sintetiza dizendo que tem mais sucesso as equipas que mais rapidamente conseguem, com eficácia, diminuir o tempo de transição defesa - ataque e ataque – defesa, isto é, aquelas que se preparam para defender quando atacam e começam a atacar aquando da perda da posse de bola.

Aqui está presente o tema central do nosso trabalho, a preparação da acção ofensiva.

2.3.1.1. A organização defensiva - apenas metade de um propósito

Segundo Castelo (1996: 159), “o objectivo básico da defesa é de restringir o tempo e o espaço disponível dos atacantes, mantendo-os sobre pressão e negando-lhes a possibilidade de progredir no terreno de jogo.” O mesmo autor aponta como sendo objectivos fundamentais da defesa a recuperação da bola (retirar iniciativa ao adversário) e a defesa da baliza (impedir finalização).

Porém, os referidos objectivos podem ser alcançados através de diferentes comportamentos dos jogadores. A defesa pode assumir uma atitude mais agressiva, defender mais longe da sua baliza, procurar rapidamente conquistar a posse de bola e tentar levar o ataque a cometer erros ou, pelo contrário, defender mais perto da sua baliza, assumir uma atitude mais passiva e dar a iniciativa ao adversário, esperando que este cometa erros (Teodorescu, 1984; Garganta & Pinto, 1995).

Desta forma, o que determina o comportamento mais ou menos agressivo dos jogadores é a organização que a equipa adopta colectivamente, o seu modelo de jogo adoptado.

Para um melhor entendimento da conduta defensiva e como este varia de equipa para equipa, importa avançar com o conceito de *marcação*.

De acordo com o *Dicionário online da Língua Portuguesa* (2009), *marcação*, entre outros significados reconhecidos, é definida como “vigilância apertada a um adversário, para condicionar os seus movimentos”.

Já Lopez Ramos (1995, cit por Baptista, 2006), avança com outro esclarecimento do conceito de *marcação*, como sendo uma acção táctica através da qual os elementos da equipa não possuidora da bola fazem frente aos adversários, sendo o intuito prioritário, o de evitar que estes entrem em contacto com a mesma ou, que o façam, nas piores condições possíveis.

Já Pacheco (2001) refere-se a *marcação* como uma acção táctica em que os defensores se acercam dos atacantes, tentando colocar-se entre estes a bola e a baliza, procurando travar a sua progressão, impedindo o passe, a finalização e a posse da bola.

Para Amieiro (2004), não são raras as definições que consideram os jogadores adversários como as “referências - alvo” de *marcação*, isto indica que a atenção de quem marca dirige-se para o seu adversário directo, o mesmo é dizer, para o jogador que está/entra no seu raio de acção. O autor considera que ao existirem também menções à bola e à baliza, mas apenas como referências de posicionamento para melhor marcar os adversários

No entanto o conceito de *marcação* não se esgota apenas em acções realizadas em função do adversário directo, apesar de ser uma perspectiva válida, apresenta-se como um pouco castradora daquilo que poderá ser o conceito mais indicado de *marcação*.

Castelo (1996), menciona que é em função da bola, dos adversários, da baliza e dos companheiros que esses comportamentos se deveriam manifestar, atribui uma acentuada dimensão colectiva ao sucesso da *marcação*.

Na nossa procura sobre a mencionada organização defensiva, após consultarmos vários autores (Bayer, 1994; Castelo, 1996; Pereni & Di Cesare,

1998; Pacheco, 2001; Amieiro, 2004) ficamos com a sensação da existência de alguma dissonância conceptual.

Sendo assim, seguiremos a nomenclatura de Amieiro (2004), segundo o qual podemos adoptar três organizações quando a equipa não tem a bola: a defesa individual, a defesa homem-a-homem e a defesa à zona.

Para Amieiro (2004) a **defesa individual** que consiste na marcação de um adversário em todo o espaço efectivo de jogo; a **defesa homem-a-homem** que é um tipo de defesa individual que tenta respeitar a organização estrutural da equipa, em que a marcação é realizada ao adversário mais próximo do defesa e por último a **defesa à zona** que o autor (2005: 31) sintetizou como sendo “i) os espaços são a grande referência - alvo de marcação; ii) a grande preocupação é, por isso, fechar como equipa os espaços de jogo mais valiosos (os espaços próximos da bola), para assim condicionar a equipa adversária; iii) a posição da bola e, em função desta, a posição dos companheiros são as grandes referências de posicionamento; iv) cada jogador, de forma coordenada com os companheiros, deve fechar diferentes espaços, de acordo com a posição da bola; v) a existência permanente de um sistema de coberturas sucessivas é uma característica vital, o qual é conseguido pelo escalonamento das diferentes linhas; vi) é importante pressionar o portador da bola para assim este se ver condicionado em termos de tempo e espaço para pensar e executar; vii) é a ocupação cuidada e inteligente dos espaços mais valiosos que permite, por arrastamento, controlar os adversários sem bola; e viii) qualquer marcação próxima a um adversário sem bola é sempre circunstancial e consequência dessa ocupação espacial racional”.

Contudo, a organização defensiva zonal pode implicar diferentes comportamentos. Desta forma, segundo a zona, ‘pode-se defender mais atrás, defender mais no meio ou defender mais a frente’ (Guilherme Oliveira, 2004: LXVI), ou seja, a zona pode ser baixa, média ou alta.

Sobre o que foi referido, podemos afirmar que a forma como um treinador perspectiva a organização defensiva da sua equipa está intimamente relacionado com a sua interpretação que realiza do conceito de *marcação*.

2.3.1.2. Momento de recuperação da bola

Para Menotti (2004) recuperar a bola significa que a retira ao adversário e a entrega a um companheiro. “Se faço uma falta, a bola segue deles. Se tiro a bola fora, a bola segue deles. Se roubo e dou a um adversário, não a roubei. Só roubo a bola quando a tiro ao adversário e ponho ao serviço da minha equipa, e isto faz-se desde todos os lugares do campo”. A tentativa de recuperar a bola é assim, muito mais do que meramente defender, é recuperar para ficar com a sua posse.

É conveniente que as equipas tentem recuperar a posse de bola através de situações dinâmicas que garantam a continuidade do jogo ofensivo e a sua fluidez, podendo assim criar desequilíbrios e surpreender o adversário no seu processo defensivo (Garganta, 1997).

Amieiro (2005) afirma que a defesa à zona parece configurar-se assim como uma vantagem, já que aquando da recuperação da bola a organização colectiva defensiva é conhecida, acontece segundo um padrão, fazendo com que o posicionamento de cada jogador seja do conhecimento por todos. Por conseguinte, a defesa à zona no momento de recuperação da bola permite à equipa adquirir hábitos importantes para uma rápida e eficaz transição da defesa para o ataque.

A zona de terreno de jogo onde se conquista a posse de bola é um dos aspectos mais importantes na transição defesa-ataque, “a definição da(s) zona(s) onde se procurará recuperar a bola deve ser equacionada em função do «padrão de jogo ofensivo» desejado, como em função das características dos jogadores” (Amieiro, 2004: 200).

Rui Quinta (2003) concorda e afirma existir uma relação permanente entre a defesa e o ataque, o autor refere que não são dois momentos estanques, são situações relacionadas e avança com um exemplo: “se eu recuperar a bola numa zona, ataco de uma maneira, se recuperar noutra, ataco de outra forma”.

Assim, não nos podemos esquecer da relevância que a organização defensiva tem para o desenvolvimento do ataque. Este vai influenciar a transição defesa-ataque da equipa e posteriormente todo o restante processo

ofensivo, dado que todos os processos estão relacionados e complementam-se.

2.3.1.3. Métodos de jogo ofensivo

O Modelo de Jogo Ofensivo representa a forma geral de organização dos jogadores no ataque, estabelecendo um conjunto de princípios que visam a racionalização desse processo ofensivo, para assegurar a progressão/finalização e a manutenção da posse de bola (Garganta, 1997).

De acordo com Teodorescu (1984) e Garganta (1997), os Métodos de Jogo Ofensivos demarcam a forma geral de organização das acções dos jogadores no ataque, estabelecendo um conjunto de princípios (subjacentes ao Modelo de Jogo) que visam a racionalização do processo ofensivo.

Neste sentido, alguns autores discorrem sobre os referidos comportamentos. Como nos referem Garganta & Pinto (1995: 105), o ‘ataque pode basear a sua organização numa atitude mais objectiva, mais directa e agressiva, onde o risco é assumido ou, por outro lado, numa atitude menos agressiva que se vai traduzir num jogo mais indirecto, mais lento, valorizando a manutenção da posse de bola”.

Castelo (1996) indica dois grandes tipos de filosofia atacante: o jogo de posse de bola (**jogo indirecto**) e o jogo directo, qualificando o primeiro como possuidor de um elevado número de trocas de bola, em que se espera pacientemente por um erro do adversário para rematar a baliza, e o **jogo directo** caracterizado por passes rápidos para a frente com objectivo de criar oportunidades para rematar.

Um outro aspecto fundamental na organização do ataque é ter consciência que o momento ofensivo começa antes do instante da recuperação da posse da bola, tal como veremos de seguida.

2.4. Relação defesa - ataque

“A forma como se defende deve ser perspectivada em função do modo como se deseja atacar. Deve-se organizar defensivamente a equipa com o propósito de atacar melhor”.
(Amieiro, 2004:196),

Existem equipas que, por pensarem primeiro em não perder, quase só pensam em defender. Para estas equipas defender é um fim em si mesmo. Tentam, por todos os meios, evitar sofrer golos. Daí a usual obsessão por tentar proteger a baliza em detrimento de tentar procurar a bola.

De facto, a procura pela bola deve ser o objectivo, porque apenas faz sentido defender para atacar. E, nesta medida, acreditamos que a forma como se defende deve ser perspectivada em função do modo como se deseja atacar.

José Guilherme Oliveira (2003b) afirma que a sua equipa defende de determinada forma para atacar de determinada forma e atacam de uma certa maneira, porque são capazes de defender de forma compatível, ou seja, os aspectos defensivos tem que estar relacionados com os aspectos ofensivos, caso contrário, dificilmente se alcançará um jogar de qualidade.

Rui Quinta (2003) considera que, quando se defende a zona, a transição para o ataque fica facilitada, já que a zona permite-me saber, na altura em que recupero a bola, onde se encontram os restantes elementos da equipa. Para o autor, o facto de defender à zona e de recuperar a bola numa dada situação, permite à equipa encadear rapidamente o seu jogo ofensivo, porque sabem onde se encontram os colegas; não estão posicionados em função do adversário, mas em função de uma identidade.

A defesa zonal representa assim, uma grande vantagem ao nível da transição defesa-ataque, uma vez que partimos rapidamente de uma organização defensiva conhecida, desenvolvida segundo um padrão colectivo, para uma organização ofensiva.

De acordo com Amieiro (2004) uma equipa cuja organização defensiva tem como referencial apenas o jogador estará sistematicamente desequilibrada

posicionalmente, isto é, desorganizada, no momento em que recupera a posse de bola, com todas as consequências negativas que daí advêm.

Desta forma, o mesmo autor afirma que o estar bem posicionado a defender traduz-se pela apresentação de uma configuração estrutural pensada de forma a otimizar a transição defesa-ataque. E apresentar um equilíbrio ofensivo na defesa perspectivado em função do modo como se quer em seguida atacar (transição defesa-ataque).

Mesmo não tendo a posse da bola, não implica que tenhamos de nos alhear da organização ofensiva que preconizamos. Segundo Amieiro (2005), a organização pode (e deve) ser perspectivada em função da forma como se quer, em seguida, atacar, não só tendo o cuidado de a (s) zona (s) onde se tentará recuperar a bola, como também preponderando a própria configuração estrutural defensiva da equipa.

O mesmo autor acrescenta que relativamente à definição da(s) zona(s) onde se procurará recuperar a bola, esta(s) deve(m) ser equacionada(s) tanto em função do padrão de jogo ofensivo desejado, como em função das próprias características dos jogadores.

Assim, e por tudo o que já foi referido, acreditamos ter reforçado a ideia de que mesmo sem a posse da bola devemos ter sempre presente a organização ofensiva que preconizamos.

2.5. O plano estratégico na organização do jogo

Segundo Garganta (2000) não existe controvérsia quando se afirma que a estratégia e a tática, no quadro dos jogos desportivos, são dimensões que desempenham um papel relevante, apesar da enorme disparidade das suas definições.

Garganta (2000) refere que para além de dizer respeito ao treinador, a estratégia vai com o jogador para o campo, devendo este ser capaz de desenvolver diferentes planos de acção que se inscrevam num quadro estratégico global da equipa (Modelo de Jogo). Cada jogador deve ser capaz de integrar as suas resoluções tácticas individuais no processo colectivo e vice-versa (Garganta & Oliveira, 1996). Assim, “a estratégia tem de ser fecundada pela tática, para que durante a competição se opte por decisões operativas necessárias às modificações gerais e específicas que se impõem incessantemente” (Castelo, 1994: 328). Por outro lado, a estratégia tem como missão orientar a evolução da tática na perseguição dos objectivos fixados (Tavares, 1993).

Castelo (1996), por sua vez, refere que o objectivo fundamental e único da planificação estratégica é o de assegurar as modificações pontuais e temporais da funcionalidade geral da equipa, isto é, adaptar a sua expressão táctica, em função das condições e da especificidade em que a confrontação desportiva irá decorrer. Neste sentido, a estratégia tem a finalidade de fixar objectivos, tornando-os mais claros e determinando em função destes uma série de acções pragmáticas com vista à sua concretização.

Para Garganta (2000) a estratégia corresponde a um plano de acção enquanto a tática é a aplicação da estratégia às condições específicas do confronto. A decisão estratégica está ainda relacionada com os fins da mudança enquanto a tática reporta-se aos meios a utilizar para tal. Portanto, estratégia e tática estão intimamente ligadas, concorrem para o mesmo fim e fundem-se no acto motor (na medida em que decisão não está separada da acção) (Garganta & Oliveira, 1996). Porém, segundo os mesmos autores, a definição dos conceitos de estratégia e tática nunca foi fácil.

3 Material e Métodos

Iniciou-se este estudo desejando perceber um dos elementos fundamentais do Futebol actual, como o seja a preparação da acção ofensiva dentro do modelo de jogo de cada treinador. Assim sendo, este propósito levou à escolha da metodologia que passamos a explicitar.

3.1. Caracterização da amostra

A amostra foi constituída por cinco treinadores responsáveis de equipas do Campeonato Nacional de Juniores da 1ª divisão (Zona Norte). Desejou-se assim, a disponibilidade de opiniões já com uma exigência relativamente próxima da Alta Competição.

A escolha destes treinadores foi baseada fundamentalmente na classificação obtida durante a época 2008/2009. Houve ainda uma tentativa de contacto com mais dois treinadores, que por diferentes motivos não foi possível entrevistar.

Mediante isto, foram entrevistados os seguintes treinadores:

- ✓ Luís Ferreira – Treinador da equipa Júnior do Vitória de Guimarães;
- ✓ Eduardo Mendez (Dito) – Treinador da Equipa Júnior do S.C. Braga
- ✓ Raul Machado (Ruca) – Treinador da Equipa Júnior do Gil Vicente F.C;
- ✓ José Lopes – Treinador da Equipa Júnior do F.C. Famalicão;
- ✓ Fernando Baptista – Treinador da Equipa Júnior e Coordenador do Departamento de Formação do F.C. Vizela.

Quadro 1: Classificação do Nacional de Juniores da 1ª divisão Zona Norte.

	Total								Casa						Fora					
Pos.	Equipa	P	J	V	E	D	GM	GS	J	V	E	D	GM	GS	J	V	E	D	GM	GS
1	FC Porto	79	30	25	4	1	82	24	15	13	1	1	46	10	15	12	3	0	36	14
2	V. Guimarães	66	30	20	6	4	63	24	15	12	3	0	39	12	15	8	3	4	24	12
3	Sp. Braga	64	30	19	7	4	63	30	15	8	5	2	31	15	15	11	2	2	32	15
4	Académica	54	30	15	9	6	64	39	15	12	2	1	41	17	15	3	7	5	23	22
5	Penafiel	51	30	16	3	11	62	48	15	10	1	4	35	20	15	6	2	7	27	28
6	Leixões	48	30	13	9	8	45	37	15	7	6	2	22	13	15	6	3	6	23	24
7	Candal	42	30	11	9	10	37	33	15	10	2	3	23	12	15	1	7	7	14	21
8	Merelinense	38	30	9	11	10	25	40	15	6	7	2	17	17	15	3	4	8	8	23
9	Rio Ave	36	30	9	9	12	40	46	15	6	3	6	22	21	15	3	6	6	18	25
10	Gondomar	36	30	10	6	14	45	52	15	8	3	4	28	25	15	2	3	10	17	27
11	Gil Vicente	35	30	10	5	15	46	58	15	8	2	5	29	25	15	2	3	10	17	33
12	Boavista	34	30	9	7	14	50	44	15	4	4	7	21	21	15	5	3	7	29	23
13	Famalicão	24	30	6	6	18	26	60	15	3	5	7	14	25	15	3	1	11	12	35
14	Beira-Mar	23	30	5	8	17	45	74	15	3	5	7	23	35	15	2	3	10	22	39
15	Vizela	22	30	6	4	20	28	65	15	6	1	8	16	26	15	0	3	12	12	39
16	Infesta	13	30	2	7	21	28	75	15	1	5	9	15	33	15	1	2	12	13	42

3.2. Condições de recolha de informação

As entrevistas foram realizadas em espaços escolhidos pelos treinadores, tais como estádios de futebol e cafés, sendo os seus testemunhos registados num microgravador digital “Panasonic RR-US470”. A recolha de dados foi realizada do dia 28 de Maio de 2009 ao dia 14 de Julho de 2009.

As entrevistas foram posteriormente transcritas através do programa Microsoft Office Word 2007, reproduzindo fielmente o discurso de cada treinador a fim de ser analisado à luz dos objectivos que definimos para o nosso trabalho.

3.3 As entrevistas

Tendo em vista a natureza das questões colocadas, optou-se por uma abordagem do tipo qualitativa, que facilitará a análise e interpretação dos dados de forma adequada.

Assim, foi efectuada uma pesquisa bibliográfica e documental referente à problemática em questão fundamentalmente na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto e em documentos de pertença própria.

A metodologia aplicada baseou-se em entrevistas de carácter semi-directivo, dando total espaço à explicação e explanar de ideias dos treinadores dentro dos tópicos de partida (questões abertas).

Neste tipo de entrevista o indivíduo é convidado a responder de forma exhaustiva, com as suas próprias palavras e através do seu próprio quadro de referência.

3.4. Delimitação dos objectivos da pesquisa

O presente estudo ambiciona entender o que entendem os treinadores da Primeira Divisão do Nacional de Juniores, acerca da preparação da acção

ofensiva, e qual o seu papel dentro dos seus modelos de jogo para a equipa que dirige.

Desta forma, pretende-se que os treinadores escolhidos representem um conjunto satisfatório de ideias sobre este mesmo conteúdo, sendo que a sua análise interpretativa, associativa e comparativa poderá significar um acréscimo qualitativo no confronto com o actual estado da arte.

Neste sentido, procura-se perceber a importância que a preparação da acção ofensiva tem para cada treinador dentro da sua forma de jogar.

Pretende-se igualmente descortinar as medidas predominantemente adoptadas para preparar a acção ofensiva e examinar a relação entre essas medidas e os resultados desportivos alcançados.

3.5. Definição das categorias

Após as entrevistas cumpridas, surgiu a necessidade de saber como interpretá-las, atribuindo-lhes o devido significado. No sentido de responder a esta exigência recorreu-se à análise de conteúdo.

A análise de conteúdo é baseada num conjunto de técnicas de análise das comunicações visando alcançar, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Quivy e Campenhoudt, 2005).

Para Bardin (2004), a análise de conteúdo é uma técnica de tratamento de informação que não se limita a uma simples descrição, a sua finalidade é a descrição objectiva e sistemática do conteúdo manifesto da comunicação, efectuando inferências sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas.

Para uma melhor percepção da informação recolhida, optou-se pela delimitação de um conjunto de categorias.

Este processo de definição do sistema categorial é denominado por Bardin (2004) como categorização. A autora adverte sobre a importância de

fazê-lo considerando um conjunto de factores: a exclusão mútua (um mesmo elemento não pode existir em mais do que uma divisão); a homogeneidade (um mesmo conjunto categorial só pode funcionar com um registo e com uma dimensão de análise); a pertinência (quando este se adapta ao material de análise escolhido); a objectividade e fidelidade (as diferentes partes do mesmo material devem ser codificadas da mesma maneira); e a produtividade (se de um conjunto de categorias provêm resultados férteis).

No presente estudo procura-se cumprir a totalidade dos factores acima referidos, no entanto, poderá surgir algum desrespeito ao factor da exclusão mútua. Este facto advém da necessidade de ligação de todos os momentos do jogo para uma melhor compreensão do tema.

Assim, para o presente estudo, tendo por base os objectivos expostos, foram definidas as seguintes categorias:

4.1 Sistema de Jogo

4.1.1 A influência do clube na construção do sistema

4.2 A organização defensiva - apenas metade de um propósito

4.2.1 A liberdade defensiva

4.2.2 A pressão exercida

4.3. O momento de recuperação da bola

4.4. Relação defesa - ataque

4.4.1. No treino

4.5. O *plano estratégico* na organização do jogo.

4. Apresentação e discussão do conteúdo das entrevistas

4.1 Sistema de Jogo

Guilherme Oliveira (2004) ajuda-nos a perceber a distinção entre dois conceitos que irão ser importantes no entendimento deste ponto 4.1. Face à evolução da dinâmica do jogo. O autor refere ser mais correcto chamar-se organização estrutural à disposição inicial dos jogadores em campo (1-4-2-4, 1-4-4-2, 1-4-3-3...) e sistema de jogo ao conjunto da organização estrutural, da organização funcional, da dinâmica, que a equipa conquista em jogo, e das respectivas particulares específicas que lhe dão sentido, evidenciando uma determinada forma de jogar.

Neste primeiro capítulo de análise, procuraremos perceber qual o sistema de jogo que cada treinador deseja para a sua equipa.

Pretendemos também descortinar uma eventual influência do clube na escolha da organização estrutural utilizada por cada um dos entrevistados.

Luís Ferreira organiza a sua equipa preferencialmente num 4-2-3-1, no sentido de dar mais preponderância ofensiva aos laterais. Desta forma utiliza dois elementos à frente da defesa para facultar à equipa o equilíbrio defensivo necessário. O entrevistado dá-nos um exemplo concreto desta dinâmica: *“nós atacamos pelo lado direito, o médio de cobertura do lado direito faz a cobertura à subida do lateral e o outro (médio de cobertura) tem mais liberdade para avançar, esses dois jogadores funcionam sempre dessa maneira.”* (Anexo II). É conveniente esclarecer o conceito de *“médio de cobertura”* adiantado. Luís Ferreira designa os dois elementos que jogam à frente da sua defesa por *“médios de cobertura”* porque, são estes os jogadores responsáveis pela protecção dos espaços vazios deixados pelos colegas.

Por sua vez, Dito chegou ao SC Braga com a intenção de implantar o 4-3-3, no entanto, depois de uma análise mais aprofundada das características dos jogadores disponíveis, alterou a sua ideia inicial e passou a dispor os seus

jogadores em 4-4-2, ou como o próprio afirma posteriormente em 4-1-3-2. Na sua opinião a equipa tornou-se assim mais forte do que em 4-3-3.

No entanto, Dito realiza algumas nuances nesta organização estrutural quanto transita para o momento defensivo. O treinador considera o 4-4-2 mais problemático do que o 4-3-3. Assim, no sentido de facilitar e exigir menos a nível físico, pede que os avançados se coloquem um à frente do outro, transformando a estrutura de 4-4-2 para 4-4-1-1.

Já a equipa do Gil Vicente assumiu como sistema de jogo predilecto o 4-3-3, uma vez que, na opinião de Ruca o 4-3-3 permite uma ocupação melhor do espaço e um maior equilíbrio no terreno de jogo, tanto a defender como a atacar. Mesmo assim, existiam situações em que a organização estrutural era modificada para 4-4-2, tal como se percebe pela análise das palavras do técnico: *“Quando quero jogar mais ofensivamente, jogo com dois pontas-de-lança, portanto jogo num 4-4-2, que me permite ter dois homens do meio campo a entrar pelas alas”* (Ruca, Anexo IV). Aqui podemos perceber também um pouco da dinâmica deste sistema alternativo, que privilegia os corredores laterais.

José Lopes afirma que a equipa do FC Famalicão, desde a sua chegada, sempre se organizou numa estrutura de 4-3-3, já que, segundo ele, era a estrutura que mais garantias dava, tendo em conta os jogadores à disposição.

Baptista por sua vez, tentou implantar na sua equipa o 4-3-3, no entanto, deparou-se com enormes dificuldades de adaptação por parte dos jogadores, estes *“já vinham desde iniciados até aos juniores sempre a jogar no 4-4-2, mas é um 4-4-2 que eles chamam de táctica do “pirilau”, que é um 4-2-2-2”* (Baptista, Anexo VI). O entrevistado refere ainda que sentiu bastantes dificuldades, não conseguindo mesmo jogar no sistema pretendido. Assim, treinou a equipa para um 4-4-2 clássico, com o qual realizou a grande maioria das partidas.

É bastante curiosa a tendência dos treinadores entrevistados para a utilização do 4-3-3. Com a excepção de Luís Ferreira, que admite ter como organização estrutural preferida o 4-2-3-1, muito parecido com o 4-3-3, todos

os técnicos revelaram ter como ideia inicial a aplicação do 4-3-3 como ponto de partida para o “jogar” das suas equipas.

Outro aspecto que importa salientar é o facto de todas as mudanças estruturais realizadas pelos treinadores que abdicaram do 4-3-3, foram devido às características dos jogadores não serem compatíveis com esta disposição espacial da equipa. Ou no caso particular de Dito, pela tentativa de aumentar o rendimento desportivo conjuntamente com a tentativa de aproximação do sistema de jogo da equipa sénior.

4.1.1 A influência do clube na construção do sistema

Procurámos agora perceber se o sistema de jogo descrito pelos entrevistados corresponde ao desejado pelo treinador para aquele grupo de trabalho, ou, por outro lado, o clube tem alguma influência nas escolhas efectuadas.

No fundo, procuraremos perceber o fundamento das afirmações de Guilherme Oliveira (2008) quando refere que, quando um treinador é contratado por um clube traz as suas ideias de jogo com ele, no entanto, terá também de se adaptar à cultura do clube em questão, que poderá até ter um Modelo de Jogo para todos os escalões competitivos do clube, por exemplo. Nesse caso, o treinador terá de adaptar a sua concepção de jogo, recriando esse mesmo Modelo mantendo parte e acrescentando as suas ideias de jogo centrais. Mais não é que um processo de adaptação para daí se extrair um Modelo “final”, que contemple todas estas premissas.

Luís Ferreira refere que no Vitória de Guimarães os treinadores são induzidos a jogarem em 4-3-3. Isto acontece pelo facto do departamento de formação entender que é o sistema táctico que melhor potencializa todas as posições. Porque, tal como afirma o nosso entrevistado, *“as equipas que jogam em 4-4-2, não fazem, entre aspas, alas.”* (Luís Ferreira, Anexo II).

Apesar de o 4-2-3-1 que Luís Ferreira afirma utilizar não se distanciar muito do 4-3-3 pretendido pelo clube, o entrevistado confessa que teve de ultrapassar alguma relutância por parte da direcção do clube quando

apresentou uma organização estrutural com dois “*médios de cobertura*”, como ele mesmo os denomina.

Já Dito refere que o facto de terem transitado vários jogadores pertencentes aos quadros do clube para o plantel júnior e a chegada de alguns reforços, facilitou a aproximação ao 4-4-2 da equipa principal do SC Braga. Segundo este, uma das funções centrais das equipas juniores passa por formar jogadores que possam a qualquer momento integrar o plantel sénior, por conseguinte, é vantajoso estarem familiarizados com o sistema que irão encontrar.

No entanto, Dito ressalva que esta organização estrutural apenas foi eleita depois de reconhecer que não iria afectar o rendimento da equipa, ao contrário seria certamente uma mais-valia devido às características dos jogadores que dispunha. Quanto à influência do clube na escolha do sistema, o técnico afirma não ter sido um sistema sugerido pelo clube, mas sim uma intenção sua, no sentido de melhor efectivar o seu trabalho na formação de jogadores.

Para Ruca, a aposta do clube na formação não é suficientemente forte e organizada para permitir influenciar os técnicos na construção do seu sistema de jogo. Desta forma, todos os treinadores dos quadros do clube têm liberdade para escolher o sistema, ou sistemas de jogo, desenvolvê-los e alterá-los, mediante as suas ideias e convicções.

Na mesma ordem de ideias José Lopes afirma não ter sido minimamente influenciado pelo clube. Aponta sim, as características dos jogadores disponíveis como o factor que mais o influenciou na estruturação do seu 4-3-3: “(...) *pelos jogadores que tínhamos, este sistema, ou esta estrutura, era aquela que mais se adequava*” (Anexo V).

No caso do Vizela FC assistimos a uma situação particular, mesmo não tendo sido influenciado directamente na escolha do seu sistema de jogo, Baptista não conseguiu implantar a organização estrutural que tinha em mente. Devido a uma política do clube que procura que todas as equipas joguem em 4-4-2 desde o escalão de iniciados, o entrevistado não viu satisfeitas as condições necessárias à utilização do 4-3-3 que pretendia. A mudança de

sistema habitual do clube tornou-se ainda mais problemática devido à sua entrada aos comandos da equipa já com a temporada a decorrer.

Neste caso, a cultura do 4-4-2 implantada no clube à vários anos foi um factor dificilmente ultrapassável na conjuntura apresentada. O contacto tardio com a liderança da equipa e a inexistência de jogadores capazes de interpretar o sistema pretendido influenciaram igualmente a escolha do sistema de jogo.

Mediante estes depoimentos podemos constatar que os clubes, normalmente, não interferem na organização estrutural das equipas. Nos casos que eventualmente o fazem, segundo a nossa amostra, verificamos que os treinadores possuem sempre a possibilidade de realizar algumas alterações que lhes pareçam benéficas ao rendimento da equipa.

No entanto, apesar de não influenciar de forma definitiva a escolha do sistema de jogo, os clubes podem colocar, mesmo que involuntariamente, entraves à sua alteração. Verificamos acima um exemplo flagrante disso mesmo. O caso do Vizela FC, que mesmo não influenciando directamente a organização estrutural da equipa júnior, a cultura do clube provoca sérios problemas à criação de um sistema diferente do 4-4-2, ou melhor do 4-2-2-2 como afirma o nosso entrevistado.

As informações fornecidas contrastam com o que acontece nos três maiores clubes portugueses (Porto, Benfica e Sporting), que segundo Almir Silva (2009) possuem projectos onde tentam uniformizar métodos de trabalho e de funcionamento em cada uma das suas equipas.

4.2 A organização defensiva - apenas metade de um propósito

Para se jogar ao ataque é necessário se defender bem. Queremos com isto esclarecer que a forma como se defende deve ser perspectivada em função do modo como se deseja atacar. Deve-se organizar defensivamente a equipa com o propósito de se atacar melhor (Amieiro, 2005).

Assim, no sentido de um melhor entendimento do tema central do presente trabalho é imprescindível tentar entender a forma como cada um dos treinadores deseja defender. Apenas percebendo alguns dos comportamentos defensivos de cada colectivo será possível aprofundar e capturar a essência da forma como preparam a acção ofensiva.

A defesa pode assumir uma atitude mais agressiva, defender mais longe da sua baliza, procurar rapidamente conquistar a posse de bola e tentar levar o ataque a cometer erros ou, pelo contrário, defender mais perto da sua baliza, assumir uma atitude mais passiva e dar a iniciativa ao adversário, esperando que este cometa erros (Teodorescu, 1984; Garganta & Pinto, 1995).

Comecemos por analisar a **altura do bloco** que cada um dos entrevistados afirma iniciar a sua fase defensiva.

Luís Ferreira (Anexo II) declara que joga com um bloco “*médio alto*” e apresenta a sua definição para este termo. “*Eu dou a denominação dos sessenta metros, ou seja, cinquenta para lá do meio campo, mais dez para trás, ou seja, os meus centrais ficarão mais ou menos no círculo central, são dez metros mais ou menos até ao meio campo*”.

Aquando da perda da posse da bola, Dito deseja que a equipa do SC Braga pressione logo no local onde a perda sucedeu. No entanto, existem situações em que esse comportamento é insuficiente ou inadequado, aí o objectivo passa a ser a formação de duas linhas de quatro jogadores que pressionem alternadamente o portador da bola, colocando a primeira linha do bloco a sensivelmente meio caminho entre a área da baliza contrária e a linha do centro do terreno.

Ruca (Anexo IV) refere que a posição do seu bloco defensivo é bastante influenciada pelo adversário a defrontar: *“Se é um adversário que goste de jogar a pressionar logo na nossa área, às vezes, por uma questão de estratégia faço baixar a equipa toda até à linha do meio campo, para depois tentar explorar os contra-ataques rápidos. Em situações ofensivas, que eu quero assumir o jogo mesmo ofensivamente ai gosto que a minha defesa jogue entre a área e o meio campo e os avançados comecem a pressionar logo à saída da área adversária”*.

No caso do FC Famalicão de José Lopes, devido às características da equipa, o bloco formado detém-se normalmente próximo da linha do centro do terreno, colocando as suas linhas bem juntas, podendo no entanto variar o comportamento em função da equipa a defrontar e do facto de jogar (ou não) no seu estádio.

Na mesma linha de pensamento, Baptista indica não possuir um bloco defensivo muito alto, posicionando-se ligeiramente à frente da linha central.

Através das ideias apresentadas pelos nossos entrevistados verificamos que as equipas do topo da tabela classificativa (Vitória de Guimarães e SC Braga) possuem a intenção de, mesmo sem a posse da bola, permanecer instaladas maioritariamente no meio campo contrário. Por sua vez, Ruca treinador de uma equipa mais modesta, confessa que a posição do seu bloco defensivo no terreno de jogo depende bastante do adversário que irá defrontar, assumindo assim o lado estratégico como factor preponderante na abordagem de cada partida. Os dois elementos da nossa amostra, treinadores de equipas despromovidas, referem que devido às particularidades das suas equipas, posicionam normalmente a sua primeira linha defensiva mais próxima da linha divisória.

Começamos então a denotar algumas diferenças flagrantes no comportamento defensivo das formações em função dos resultados desportivos apresentados.

Quanto ao **tipo de marcação** utilizada, as diferenças encontradas no discurso de cada treinador não se revelaram tão vincadas quanto no tema anterior.

Luís Ferreira (Anexo II) classifica a sua forma de defender como uma “*zona elástica*”, e porquê o uso deste termo? Porque segundo o técnico “*não é uma zona passiva, a bola entra naquela zona, o meu jogador tem de ser extremamente agressivo para constranger o adversário, esse jogador tocou a bola, ele retoma a sua posição.*”. Aqui percebemos que o entrevistado aspira que os seus jogadores possuam uma referência principal para a organização da fase defensiva: a bola.

Dito afirma que a sua equipa defende à zona, e aponta o espaço de jogo como referência primordial para a organização defensiva: “*Nós temos de ocupar o espaço que o adversário quer conquistar, acho que isso é fundamental.*” (Anexo III).

Ruca possui uma ideia de marcação diferente para os seus dois defesas centrais, o técnico prefere a defesa individual para um deles, enquanto o outro deve colocar-se mais atrás, sem preocupações de marcação. Quanto aos restantes elementos da equipa, é-lhes pedido que marquem à zona tendo como principal referência defensiva o objecto de jogo, a bola. “*Normalmente gosto que os meus jogadores joguem com os três blocos muito juntos, com o menos espaço possível e recuperarem atrás da linha da bola, é evidente que a referência é a bola, para depois o jogador mais próximo poder pressionar o portador da bola.*” (Anexo IV).

José Lopes tem uma ideia semelhante para a sua equipa, alternando igualmente entre defesa à zona e defesa individual, o entrevistado afirma que em alguns jogos exerciam “*uma marcação mais individualizada e mais próxima de um jogador referenciado.*” (Anexo V). No respeitante às orientações que dá aos seus jogadores para o posicionamento defensivo, José Lopes declara ser a bola a referência mais importante.

Baptista, à semelhança da maioria dos entrevistados, aponta a defesa à zona como sendo o seu método defensivo mais utilizado. No entanto, aponta a bola, o espaço e os jogadores adversários como principais pontos de referência durante a fase defensiva, não evidenciando nenhum deles como tendo maior importância do que os demais.

É assim possível verificar que todos os entrevistados elegem a defesa à zona como método defensivo mais utilizado. Existem, no entanto, dois treinadores que referem não defenderem apenas à zona, nomeadamente Ruca e José Lopes, que admitem ter preocupações individuais em algumas circunstâncias.

Amieiro (2005: 79) refere que “a «zona» parece representar uma grande vantagem ao nível da transição defesa – ataque. Isto acontece porque partimos de uma organização colectiva conhecida e, sendo assim, ela não nos é «estranha», acontece segundo um «padrão», pois as posições dos jogadores são sempre conhecidas do colectivo.”.

Para o mesmo autor (2005) a posição da bola dentro do espaço de jogo e a posição dos colegas de equipa, são as referências posicionais mais importantes na marcação à zona.

Assim, a maioria dos técnicos vai de encontro a Amieiro (2005) quando apontam a bola como uma das referências, apenas Dito não indica a bola como referência importante no posicionamento defensivo da equipa. No entanto, nenhum dos nossos entrevistados apontou o posicionamento dos colegas de equipa como referência para o posicionamento defensivo.

4.2.1 A liberdade defensiva

Parece-nos pertinente o esclarecimento da liberdade defensiva, facultada pelos técnicos a determinados elementos. Esta poderá ser uma possível forma de preparar a acção ofensiva da equipa.

Assim, neste ponto será analisada a eventual existência de jogadores libertos de tarefas defensivas, e em simultâneo o comportamento solicitado aos indivíduos ultrapassados pelo ataque adversário.

Mais uma vez começamos por analisar o discurso do treinador do Vitória de Guimarães. “*Para mim todos os jogadores tem de ter uma acção defensiva, nem que seja posicional.*” afirma Luís Ferreira (Anexo II), porque segundo este, ainda que um jogador não tenha características defensivas tem a “obrigação” de integrar o bloco defensivo da equipa.

Mesmo os jogadores da primeira linha defensiva da equipa de Luís Ferreira, quando ultrapassados, são incumbidos de regressar imediatamente para ajudar no processo defensivo.

Dito possui uma opinião não muito distante, este pede aos seus dois elementos mais avançados para, na eventualidade de serem ultrapassados pelo ataque opositor, se aproximarem de um adversário que possa funcionar como ponto de referência na variação do flanco de jogo.

À semelhança do treinador anteriormente analisado, Dito define comportamentos defensivos para todos os seus jogadores, não contemplando a possibilidade de libertar um dos avançados destas preocupações.

Analisando agora a equipa do Gil Vicente podemos constatar uma atitude, à primeira vista, mais ofensiva do que os dois casos anteriores. Ruca, dependendo das informações que possui sobre os adversários a defrontar, pode libertar até dois jogadores de funções defensivas: *“às vezes dá-nos jeito até, deixar subir os laterais adversários e deixar ficar até dois jogadores, dois jogadores rápidos para na recuperação da bola, muito rapidamente, tirar partido da situação avançada dos laterais adversários.”* (Ruca, Anexo IV). Os elementos que o técnico, nestas circunstâncias, deseja que fiquem mais adiantados são os dois médios-ala, que, mediante as necessidades, funcionam ou como médios interiores ou como avançados, podendo mesmo não ter quaisquer preocupações defensivas.

Quanto à eventualidade da sua primeira linha defensiva ser ultrapassada, Ruca pretende que o seu avançado/médio ala do lado oposto à bola ocupe uma posição mais interior, precavendo o deslocamento de um dos médios da zona central para perto da linha lateral para substituir o colega batido.

José Lopes e Baptista, por sua vez, delegam a todos os seus jogadores funções defensivas. Relativamente à possibilidade de um dos elementos da frente ser ultrapassado, os técnicos pretendem que um dos outros jogadores da sua linha mais adiantada o substitua nas tarefas a desempenhar.

Isto, ressalva Baptista, na circunstância de estar empatado ou em vantagem no marcador. Caso o resultado fosse desfavorável os comportamentos seriam um pouco diferentes.

Mediante tais afirmações, podemos constatar que, à excepção de Ruca, nenhum dos treinadores entrevistados admite prescindir de jogadores na fase defensiva para posteriormente o libertar para outro tipo de funções.

Existe também um desejo comum de ver os seus elementos da frente a recuperarem a posição imediatamente depois de serem ultrapassados. Mais uma vez a excepção é Ruca, que faz recuar apenas um dos seus três jogadores da frente quando a sua primeira linha é superada.

Castelo (1996) tem uma opinião distinta da maioria dos nossos entrevistados, este afirma que os jogadores da equipa que não intervierem directamente no momento defensivo, ou seja, não participam nas acções que visão a recuperação da posse da bola, devem preparar a acção ofensiva através de movimentações que criem espaços vazios que possam ser utilizados no ataque. Segundo o mesmo autor, com estas movimentações vão obrigar os oponentes a terem mais preocupações com a própria baliza e respectivo equilíbrio defensivo, do que no ataque à baliza adversária.

4.2.2 A pressão exercida

Neste ponto tentaremos perceber onde **a pressão** solicitada pelos técnicos é mais forte, e como é realizada a pressão pelos jogadores da frente, averiguando a possibilidade de existirem semelhanças no discurso de cada um dos entrevistados.

Comecemos por analisar a pressão que o Vitória de Guimarães de Luís Ferreira efectua logo à saída da área de baliza contrária. O técnico afirma tentar sempre evitar que a equipa contrária saia a jogar, se eventualmente isso acontecer, *“há um médio, que é aquele jogador mais comunicativo, que dá ordem para a equipa organizar, a equipa aí baixa o bloco e deixa-os circular.”* (Anexo II). A partir deste momento, o acontecimento que despoleta todo o mecanismo de aumento da agressividade defensiva e de pressão é a entrada da bola no corredor lateral, normalmente no defesa lateral da equipa adversária.

O Modelo de Jogo de Dito possui aspectos semelhantes aos anteriormente citados. O treinador do SC Braga pede aos jogadores para assumirem uma atitude mais passiva, deixando a bola circular pela defesa adversária. Porém, no momento em que o passe for consumado na direcção dos defesas laterais, um dos médios ala arranca quase em simultâneo, tentando interceptar o passe, ou posteriormente desarmar o adversário.

Já Ruca e Baptista possuem ideias semelhantes para localizar a sua pressão, os técnicos preferem ver as respectivas equipas pressionantes numa faixa horizontal de terreno que se inicia pouco à frente do círculo central, podendo a posição da primeira linha variar conforme as circunstâncias, resultado e adversário.

Embora Ruca tenha como princípio, e à semelhança dos técnicos anteriores, a tentativa de encurralar o adversário perto das linhas laterais; este prefere fazê-lo em zonas mais próximas da sua baliza, deixando, por vezes, o defesa lateral contrário iniciar mesmo a condução do ataque.

José Lopes, por sua vez, logo após a perda da posse da bola pede aos seus jogadores criem imediatamente uma zona de pressão forte, sobretudo sobre os corredores laterais. *“Se não fosse possível fazer essa pressão baixávamos para uma linha de referência e permitíamos algum tipo de organização.”* (Anexo V).

O técnico do FC Famalicão refere que, à semelhança de Ruca e Baptista, possui variantes estratégicas relativamente a este tema, no entanto, analisando o seu discurso com atenção, percebemos que os seus princípios de jogo, especialmente nos jogos em casa, se assemelham mais aos apresentados pelas equipas do topo da tabela.

Dependendo do adversário, em jogos no seu reduto normalmente induziam o opositor a colocar a bola nas laterais para de seguida realizarem sobre este uma pressão forte. Relativamente aos jogos fora de casa, a equipa assumia uma atitude menos agressiva, recuando para perto da linha divisória, desta forma, iniciava a pressão apenas quando a bola chegasse perto da sua metade do terreno, exercendo nessa região uma pressão constante em qualquer um dos corredores.

Mediante os dados apresentados, podemos afirmar que, à excepção de Baptista, todos os treinadores da amostra preferem deixar a defesa contrária com uma falsa sensação de segurança, despoletando a sua pressão apenas quando a bola entra num dos flancos. Este facto acontece, na nossa opinião, tentando tirar vantagem de uma posição favorecida pela proximidade da linha lateral, ajudando assim o cumprimento de uma pressão mais eficaz.

É de salientar também o facto dos três técnicos de equipas menos bem posicionadas na tabela afirmarem que mediante o opositor a defrontar, podem alterar a posicionamento da sua primeira linha de pressão e mesmo, no caso do FC Famalicão, a forma de pressionar a construção adversária. Mais uma vez verificamos a importância do lado estratégico na alteração de comportamentos de equipas menos bem classificadas.

4.3. O momento de recuperação da bola

Depois de analisadas as zonas onde os treinadores normalmente efectuam uma pressão mais efectiva, procuraremos saber se estas correspondem aos terrenos onde mais gostariam de ganhar a posse da bola, se é que possuem preferências a esse respeito, e qual a preocupação subsequente.

Comecemos mais uma vez por Luís Ferreira que afirma ser perto da linha lateral o lugar onde prefere ver a sua equipa recuperar a posse da bola. O entrevistado possui, à partida, uma ideia clara do pretendido depois de conquistar o esférico nessas zonas. Tirar a bola do corredor através dos “*médios de cobertura*” é o principal objectivo.

Relativamente ao mesmo assunto, Dito menciona que contra equipas como o Porto e o Vitória de Guimarães não pode ambicionar conquistar a bola em zonas semelhantes às desejadas noutras circunstâncias. Defrontando equipas teoricamente menos fortes, tinha muitas vezes a preocupação de recuperar a bola perto da baliza do adversário.

O inquirido afirma ter como primeira preocupação, depois da reconquista do objecto de jogo, o ataque instantâneo à baliza, deixando transparecer a intenção de um estilo de jogo directo e pragmático. Embora, como o próprio treinador reconhece, “*normalmente os jogadores que estão mais adiantados tem adversários mais próximos.*” (Dito, Anexo III). Quando a recuperação é conseguida em locais adjacentes à sua baliza, pelo guarda-redes por exemplo, os defesas laterais são apontados como referência inicial para a equipa sair para o ataque.

Ruca por sua vez refere que quando o defesa lateral contrário se adianta no terreno, a sua equipa procura recuperar imediatamente a posse da bola nessa zona. Na eventualidade de conseguir a recuperação, o treinador aspira o aproveitamento da ocasional desorganização do adversário, para procurar de forma célere construir situações de finalização. Caso não seja possível alcançar a baliza, ou caso o resultado seja condizente com os interesses da equipa, Ruca pede aos seus jogadores para primeiramente tentarem manter a

posse da bola, esperando a melhor oportunidade para atacar a baliza. As referências ofensivas do Gil Vicente são, segundo o seu treinador, os três avançados, principalmente os dois das linhas que, sendo jogadores rápidos, tentam explorar os espaços nas costas da defensiva contrária.

Segundo José Lopes quanto mais à frente a sua equipa ganhar a posse da bola melhor, uma vez que mais perto se encontram do alvo. No entanto, pelo valor que o próprio atribui à sua equipa, tentam que a bola seja recuperada pelo seu sector “*médio/ofensivo*”, no sentido de evitar circunstâncias de finalização para o adversário.

Na fase posterior à recuperação do esférico, José Lopes pede aos seus jogadores para retirar de forma célere a bola da zona onde esta foi recuperada para preferencialmente enviá-la no sentido do ponta-de-lança, ou do médio ala/avançado do lado apostado. Ao ponta-de-lança é-lhe pedido que segure a bola esperando por apoio. Já os dois médios ala/avançados procuram tirar partido da sua rapidez no sentido de definir a jogada. Para a contingência de não ser possível fazer chegar o objecto de jogo, rapidamente a uma destas referências, o plano alternativo passa por tirar a bola do local onde esta foi recuperada, mas nesta situação com passes curtos, fazendo-a passar pela defesa, nomeadamente pelos defesas centrais.

Por último apresentamos a posição de Baptista neste capítulo, que aponta a zona próxima da linha divisória, à entrada do seu meio campo defensivo, como sendo a mais adequada para o conjunto recuperar a posse da bola. Este facto relaciona-se com a forma como o treinador pretende desenvolver a sua acção ofensiva tal como iremos expandir mais adiante.

Relativamente ao objectivo depois da recuperação da bola, o treinador do Vizela FC aponta o passe para zonas mais adiantadas como prioridade. “*Se não desse era depois tentar organizar, para sairmos organizados.*” (Anexo VI), Sendo assim questionável, pelo sentido desta frase de Baptista, o nível de organização da equipa quando procuram um jogo mais directo.

Como referencial para a equipa iniciar o seu ataque, o técnico do Vizela FC aponta um dos seus elementos da frente como referência mais importante, por ser um avançado bastante rápido.

Mediante os dados acima referidos, podemos distinguir algumas particulares apresentadas.

Quando inquiridos sobre o momento mais indicado para a recuperação da bola, todos os treinadores têm ideias ligeiramente diferentes. Porém, apenas Baptista confessa preferir recuperar a bola já na sua metade do terreno de jogo. Os restantes treinadores afirmam a intenção de ganhar a bola em zonas mais adiantadas e em momentos iniciais de construção por parte do adversário.

É de salientar também a coerência entre o local preferido para as equipas recuperarem o esférico e as zonas de pressão mais efectivas apresentadas acima.

No que diz respeito às soluções preferidas dos técnicos para o momento seguinte à recuperação da bola, apenas Luís Ferreira refere não seleccionar o ataque imediato à baliza. Todos os outros entrevistados apontam o passe vertical, para zonas mais adiantadas, como primeira preocupação depois da reconquista do esférico.

O que vai de encontro ao preconizado por Guilherme Oliveira (2003a: Anexo 2) para a sua equipa de juvenis do FC Porto: "...relativamente à transição defesa-ataque, eu pretendo dois princípios fundamentais. O primeiro é que quando se ganha a posse de bola, caso seja possível, esta deve entrar jogável no jogador que se encontra à frente da zona de recuperação da bola, ou seja, exista logo um passe em profundidade, que só deve ser feito se tivermos a certeza que ficamos com a posse de bola, ou seja, se for um passe de risco não o deveremos realizar. Se tal não for possível, aquilo que eu pretendo é que a bola saia da zona de pressão, ou seja, saia da zona onde esta foi recuperada."

Paradoxalmente, mesmo solicitando o passe em profundidade como primeira opção, Dito aponta os defesas laterais como uma das suas referências para lançar o ataque.

Por conseguinte, à excepção dos dois treinadores com melhores resultados desportivos, os técnicos apontaram os elementos da linha da frente como principais referências atacantes. Apenas Dito e Luís Ferreira preferem

ver a equipa a utilizar jogadores com posições mais recuadas, defesas laterais e “*médios de cobertura*” respectivamente, como referências iniciais para a construção de situações de finalização.

4.4. Relação defesa - ataque

Depois de uma análise ao pretendido por cada um dos entrevistados durante o momento defensivo e ofensivo, ambiciona-se agora, examinar a relação entre a forma como cada uma das equipas tenciona defender e a forma como estas desejam atacar.

O que muitas vezes acontece é que se defende de uma forma que não tem muito a ver com a maneira como se ataca. Isto tem como consequência algumas divergências que são acentuadas ao longo do jogo.

Comecemos então, mais uma vez, pelo caso do treinador com melhores resultados desportivos da nossa amostra.

Luís Ferreira conta que a pressão que a sua equipa exerce logo dentro do meio terreno contrário, está relacionada com o facto de pretender jogar maioritariamente no seu meio campo ofensivo, conseguindo desta forma a possibilidade de criar situações de finalização de forma mais célere.

Parece fazer sentido que uma equipa ambicione recuperar a bola logo no seu meio campo ofensivo, quando o seu padrão de jogo ofensivo é o ataque posicional.

Para a operacionalização desta forma de jogar, o técnico afirma ser imprescindível uma pressão constante, e simultaneamente, ter elementos rápidos em zonas mais recuadas, salvaguardando assim as costas da sua defesa. *“E portanto se defendemos à zona e se defendemos com o bloco alto, o objectivo depois de recuperar a bola é tê-la não é!? Tê-la para poder atacar.”* (Luís Ferreira, Anexo II).

Dito pretende para a sua formação uma mentalidade semelhante. O técnico procura recuperar a posse da bola em zonas avançadas para desta forma chegar rapidamente a situações de finalização. No entanto, possui a consciência que é uma tarefa complicada que nem sempre se revela exequível.

Ruca, como já foi referido, pretende que o Gil Vicente defenda perto da sua área de baliza, convidando assim o adversário a subir no terreno. O treinador confessa que em algumas situações deseja mesmo transparecer uma ideia errada de subjugação, com o intuito de posteriormente surpreender o

adversário com transições rápidas e objectivas através dos seus três elementos da frente.

Baptista possui uma opinião semelhante, dando igualmente a possibilidade de o adversário subir no terreno sem grande oposição, para posteriormente, tal como no caso anterior, conseguir tirar vantagem do espaço entre os defesas contrários e o guarda-redes, através dos seus rápidos jogadores da frente de ataque.

José Lopes, por sua vez, aponta o facto de jogarem no seu estádio (ou não), como um factor preponderante na escolha do comportamento da equipa para este capítulo. Como já foi referido, o treinador famalicense procura, sempre que possível, recuperar a posse da bola junto da baliza contrária, tentando chegar mais rapidamente a circunstâncias de finalização. No entanto, em jogos fora do seu reduto e contra determinados adversários, José Lopes prefere baixar o bloco defensivo e assumir uma forma de atacar com recurso a passes mais longos, continuando com um ataque baseado preferencialmente em transições rápidas.

Conseguimos então perceber, através das afirmações acima apresentadas, que os treinadores do SC Braga e V. Guimarães procuram jogar maioritariamente na metade adversária do terreno de jogo. Para tal, estas formações ambicionam a recuperação da bola o mais perto possível da baliza contrária, facilitando assim a sua forma de atacar.

Os restantes treinadores possuem preferência por outra forma de atacar. Os responsáveis técnicos pelo Gil Vicente FC, FC Famalicão e FC Vizela utilizam maioritariamente um bloco mais baixo, no sentido de tirar partido do adiantamento da defensiva contrária. Excepção feita ao treinador famalicense que alteram a forma de defender e consequentemente de atacar, mediante o adversário e o facto de jogar (ou não) no seu estádio.

Acabamos de verificar que todos os treinadores da nossa amostra procuram relacionar a forma de defender com a posterior fase ofensiva. Tentaremos de seguida perceber se realmente possuem preocupações no treino em relação a esse capítulo.

4.4.1. No treino

Mesmo os treinadores entrevistados tendo consciência da importância da adequação da fase defensiva com a ofensiva, será que quando realizam um exercício para trabalhar a fase defensiva, esgotam o objectivo da tarefa no puro acto de defender?

Relativamente a este assunto, verificamos aqui nítidas diferenças entre o discurso dos treinadores com melhores resultados desportivos e os responsáveis por equipas menos bem sucedidas.

Luís Ferreira e Dito afirmam propor sempre um objectivo aos seus jogadores depois de estes recuperarem a posse da bola. A excepção a essa regra acontece nos primeiros treinos da temporada, onde ambos os treinadores referem preocupações apenas do âmbito defensivo, deixando a saída para o ataque para uma fase mais adiantada.

Os treinadores das equipas mais do fundo da tabela, José Lopes e Baptista, contam que propõem igualmente objectivos aos seus jogadores depois da recuperação da bola em exercícios de treino, no entanto, nem sempre o fazem, ao contrário dos treinadores anteriores.

Ruca por sua vez é quem negligencia mais este aspecto, trabalhando a organização defensiva isolada da ofensiva.

Savelsbergh & van der Kamp (2005) salientam a necessidade da prática ser específica, ou seja, a experiência no treino deve relacionar-se com o que se pretende para a competição.

Assim, parece plausível afirmar, por tudo o que já foi referido no presente trabalho, que é benéfico introduzir outros objectivos para o momento posterior à recuperação da bola durante o treino.

4.5. O plano estratégico na organização do jogo

Segundo Castelo (1996), o objectivo fundamental e único da planificação estratégica é o de assegurar as modificações pontuais e temporais da funcionalidade geral da equipa em função do contexto onde a competição irá decorrer.

Devido ao facto deste tema já ter sido tratado em vários pontos já analisados, será realizada agora apenas uma breve referência a determinados aspectos pouco esclarecidos anteriormente. Desta forma, tentar-se-á perceber melhor, qual a importância que cada treinador lhe confere, nomeadamente no respeitante ao tema central deste trabalho.

A importância conferida por Luís Ferreira ao lado estratégico do jogo é bastante reduzida. O técnico aponta apenas os lances de bola parada e a protecção mais efectiva à subida dos laterais como circunstâncias a modificar mediante a suposta qualidade do adversário. Ofensivamente não efectua qualquer alteração de comportamento em função do jogo seguinte. O entrevistado rejeita mesmo a ideia de enaltecer em demasia os jogadores a defrontar: “(...) *não dar demasiada importância porque se dermos estamos a inferiorizar-nos a eles e acho que não é por aí.*” (Luís Ferreira, Anexo II).

Garcia Pérez (2002) possui uma opinião semelhante, o autor coloca as suas preocupações primordiais na sua equipa e na posição da bola, fazendo posteriormente algumas referências à equipa contrária.

Dito possui uma opinião diferente em relação a este assunto. O responsável pela equipa júnior do SC Braga aponta o factor psicológico como o que necessita de maior cuidado no preparo de um jogo específico: “(...) *é o que rodeia um jogo de futebol, desde como disse do público, do estado do terreno, das características do próprio adversário, que pode ser um adversário que jogue pouco, mas que utiliza métodos que podem complicar a vida, e nós tivemos alguns exemplos e acho que esta preparação é importante.*” (Dito, Anexo III).

Relativamente ao tema central deste trabalho, Dito refere apenas que com adversários teoricamente mais modestos, a sua equipa subia mais a primeira linha de pressão, como já foi referido anteriormente.

Ruca quando inquirido sobre o mesmo tema, aponta as mudanças na organização estrutural da equipa (de 4-3-3 para 4-4-2), como principal alteração realizada. Mediante as informações disponíveis, o técnico estuda os benefícios de alterar a posição das suas “peças”.

José Lopes, à semelhança de Dito, faz referência ao lado psicológico na preparação de determinada partida. O treinador do FC Famalicão, na semana que antecede jogos contra equipas do topo da tabela, procura criar situações de treino onde houvesse elevada percentagem de sucesso, no sentido de elevar a confiança e motivação dos seus jogadores.

As mudanças tácticas efectuadas passavam pela alteração da altura do seu bloco defensivo, tal como já foi exposto, e por privilegiar mais a horizontalidade em jogos onde o adversário possuía um valor teoricamente semelhante à equipa de José Lopes.

Por último, Baptista afirma não pedir qualquer alteração de comportamento aos seus jogadores, pelo facto de o clube não possuir recursos para proporcionar informações relevantes sobre os seus adversários. Mesmo depois da primeira ronda da competição, as informações continuaram escassas devido às mudanças na equipa técnica.

Através da análise dos dados acima expostos, podemos afirmar que existem diferenças evidentes na importância que cada um dos entrevistados confere a este lado estratégico do jogo de Futebol.

Por motivos bastante distintos, Luís Ferreira, Ruca e Baptista são os treinadores da nossa amostra que realizam menos mudanças em função de determinado confronto.

Já Dito e José Lopes conferem ao factor psicológico uma expressão particularmente importante neste capítulo. Ambos os treinadores, por motivações distintas, afirmam preparar os seus jogadores psicologicamente para as conjunturas que irão encontrar na partida seguinte. Ambos os entrevistados modificam também a altura do seu bloco defensivo mediante o

adversário a defrontar, subindo a primeira linha de pressão quando defrontam equipas mais modestas.

José Lopes revela-se o técnico que mais altera o comportamento da equipa de jogo para jogo, já que para além do já referido, a sua formação modifica mesmo a forma de atacar.

Estas modificações efectuadas em função dos adversários correm o risco de alterar alguns dos princípios de jogo da equipa. Como já tivemos oportunidade de perceber pelo discurso de vários autores citados na revisão da literatura, esta não será a opção mais acertada, já que desta forma a equipa acaba por possuir mais do que um modelo de jogo.

5. Conclusões

Na presente monografia, propusemo-nos estudar a forma como os treinadores preconizam a preparação da acção ofensiva das suas equipas, no âmbito do campeonato Nacional de Juniores.

Do trabalho realizado, parece plausível retirar as seguintes conclusões:

- ✓ Marcada preferência dos treinadores pelo sistema 4-3-3.
- ✓ O clube possui pouca interferência na escolha da organização estrutural das equipas, tendo sempre o treinador a última palavra neste capítulo.
- ✓ Todos os treinadores utilizam a defesa à zona como método defensivo preferencial.
- ✓ A maioria dos entrevistados aponta a bola como referência importante no posicionamento defensivo da equipa.
- ✓ Nenhum dos treinadores entrevistados refere o posicionamento dos colegas de equipa como referência importante no posicionamento defensivo de cada jogador.
- ✓ Apenas um dos treinadores entrevistados admite dispensar um, ou mesmo dois jogadores da fase defensiva para posteriormente o libertar para a acção ofensiva.
- ✓ Quatro dos cinco treinadores da nossa amostra pretendem que as suas equipas recuperem a posse da bola na primeira fase de construção do ataque adversário.
- ✓ A maioria dos treinadores prefere deixar a defensiva contrária com uma falsa sensação de segurança para despoletar uma pressão mais efectiva quando a bola entra num dos corredores laterais.

- ✓ Constata-se coerência entre a pressão que cada treinador quer ver exercida e as zonas e/ou momentos em que desejam que as suas equipas recuperem a posse da bola.
- ✓ A maioria dos treinadores dá preferência ao passe para jogadores mais adiantados imediatamente após a recuperação da bola;
- ✓ Verifica-se congruência entre a forma como os treinadores pretendem que a sua equipa a defenda e a forma como desejam que esta ataque.

Comparando agora as ideias apresentadas com classificação obtida:

- ✓ Os responsáveis por equipas com melhores resultados desportivos desejam que os seus jogadores permaneçam maioritariamente no meio campo adversário;
- ✓ Os treinadores com equipas pior posicionadas na tabela classificativa, normalmente preferem recuar o seu bloco para mais próximo da linha divisória.
- ✓ Os técnicos das equipas com resultados desportivos menos satisfatórios apresentam modificações estratégicas nas suas zonas de pressão, mais acentuadas.
- ✓ Os responsáveis das duas equipas melhor posicionadas na tabela classificativa apontam como referências ofensivas, depois da recuperação da bola, jogadores com posições mais recuadas no terreno do que os restantes treinadores.
- ✓ Os treinadores de equipas melhor classificadas, quando propõem um exercício para trabalhar a fase defensiva, colocam com maior frequência objectivos para depois da recuperação da bola.

Assim, mediante a análise do discurso dos nossos entrevistados, parece plausível concluir que os dois treinadores das equipas com melhores resultados desportivos preparam a sua acção ofensiva, que pretendem que se desenrole maioritariamente no meio-campo adversário, defendendo com uma pressão alta e efectiva sobre o portador da bola, conseguindo desta forma, permanecer perto da baliza contrária.

Já os restantes treinadores, posicionados na segunda metade da tabela classificativa, elegem, de uma forma geral, outro método ofensivo. Os três técnicos assentam o seu estilo de jogo atacante em transições rápidas e objectivas, normalmente em profundidade, preparando essa forma de jogar com um bloco defensivo mais perto da sua área, tentando posteriormente aproveitar o espaço cedido entre a defensiva contrária e a baliza.

6. Sugestões para Futuros Trabalhos

O presente capítulo possui elevado relevo num estudo de carácter científico, na medida em que o conhecimento não pode ser entendido como alcançado, pois existe sempre mais para compreender e para desenvolver.

Desta forma consideramos importante clarificar aspectos já abordados neste trabalho, assim, propomos reflectir sobre outras questões relacionadas com esta temática, como por exemplo:

- Analisar como as equipas seniores, a participar em campeonatos nacionais, preparam a acção ofensiva ainda durante a fase defensiva.

- Averiguar a forma de preparação da acção ofensiva com recurso a Análise Sequencial.

- Comparar a forma de defender de duas equipas com métodos ofensivos semelhantes.

- Realizar um estudo de caso com uma equipa ao longo de uma época observando a forma de realização da transição defesa-ataque em função do adversário a defrontar.

7. Referências Bibliográficas:

Amieiro, M. (2004). *«Defesa à Zona» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o «jogar» deve manifestar.* Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Amieiro, N. (2005). *Defesa à Zona no Futebol: um pretexto para reflectir sobre o «jogar»... bem, ganhando!.* Edição de Autor.

Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo.* (3ª Ed.). Lisboa: Edições 70.

Barreira, D. (2006). *Transição defesa-ataque em futebol. Análise sequencial de padrões de jogo relativos ao campeonato português 2004/2005.* Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Batista, P. (2006): *Organização defensiva: Congruência entre os princípios, sub-princípios e sub-sub-princípios de jogo definidos pelo treinador e a sua operacionalização. Um estudo de caso realizado no Sporting Clube de Espinho.* Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Castelo, J. (1994). *Futebol. Modelo técnico-tático do jogo.* Lisboa: FMH Edições.

Castelo, J. (1996). *Futebol a organização do jogo:* Edição do autor.

Castelo, J. (1998). *Metodologia do treino desportivo (2ª Edição).* Lisboa: FMH Edições.

Carvalho, C. (2000). *As coisas duma «Mecânica Silenciada» (mas não silenciosa) ou... A Recuperação no Futebol de Rendimento Superior uma*

(des)abstracção. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Carvalho, C. (2001). No treino de Futebol de rendimento superior. A recuperação é...muitíssimo mais do que “recuperar”. Braga: Edição Liminho, Indústrias gráficas Lda.

Faria, R. (1999). «*Periodização Táctica*». *Um Imperativo Conceptometodológico do Rendimento Superior em Futebol*. Porto: R. Faria. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Faria, R. (2002). Entrevista. In *Periodização Táctica. Uma concepção metodológica que é uma consequência trivial do jogo de futebol. Um estudo de caso ao microciclo padrão do escalão sénior do Futebol Clube do Porto*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Faria, R. & Tavares, F. (1996). O comportamento estratégico. Acerca da autonomia de decisão nos jogadores de desportos colectivos. In J. Oliveira & F. Tavares (Eds.), *Estratégia e táctica nos jogos desportivos colectivos* (pp. 33 – 38). Porto: CEJD.

Ferreira, J. (2003). Entrevista In «*Defesa à Zona*» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «*inteireza inquebrantável*» que o jogar deve manifestar. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Frade, V. (1985). *Alta Competição – Que exigências do tipo metodológico?* Comunicação apresentada ao Curso de Actualização – Futebol. ISEF – UP.

Frade, V. (2006). *Apontamentos das aulas de Metodologia, Opção de Futebol*. FADEUP. Porto. Não Publicado.

Freitas, S. (2005). *A especificidade que está na “concentração táctica” que está na ESPECIFICIDADE; no que deve ser uma operacionalização da “Periodização Táctica”*. Edição do autor.

Gaiteiro, B. (2006). *A ciência oculta do sucesso – Mourinho aos olhos da ciência*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Garganta, J. (1996). Modelação da dimensão táctica do jogo de Futebol. In J. Oliveira & F. Tavares (Eds.), *Estratégia e táctica nos jogos desportivos colectivos* (pp. 63-82). Porto: CEJD.

Garganta, J. (1997). *Modelação Táctica do Jogo de Futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Porto: J. Garganta. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Garganta, J. (1998). Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In A. Graça & J. Oliveira (Eds.), *O ensino dos jogos desportivos colectivos (3ª Edição)*. Porto: CEJD/FCDEF-UP, pp. 11-25.

Garganta, J. (2000). O treino da táctica e da estratégia nos jogos desportivos. In J. Garganta (Ed.), *Horizontes e Órbitas no treino dos Jogos Desportivos*. Porto: CEJD/FCDEF-UP, pp. 51-61.

Garganta, J. (2002). Competências no ensino e treino de jovens Futebolistas. *Lecturas Educación Física y Deportes*. Ano 8, 45. Retirado a 15 de Junho, 2009 disponível em <http://www.efdeportes.com/efd45/ensino.htm>.

Garganta, J. (2003). Entrevista In «Defesa à Zona» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o jogar deve manifestar. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Garganta, J. (2005). Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter) acção, para um Futebol com pés... e cabeça. In D. Araújo (Ed.), *O contexto da decisão – a acção táctica no desporto* (179-190). Lisboa: Visão e Contextos, Lda.

Garganta, J., & Pinto, J. (1995). O ensino do futebol. In A. Graça & J. Oliveira (Eds.), *O ensino dos jogos desportivos colectivos*. Porto: CEJD/FCDEF-UP, pp. 95-135.

Garganta, J., & Oliveira, J. (1996). Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos. In A. Graça e J. Oliveira (Eds.), *Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos*. Porto: CEJD/FCDEF-UP.

Garganta, J.; Marques, A. & Maia, J. (2002). Modelação táctica do jogo de futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. In J. Garganta; A. Suarez & C. Peñas (Eds.), *A Investigação em Futebol*. Estudos Ibéricos (pp. 51-66). FCDEF-UP.

Gomes, M. (2006). *Do Pé como Técnica ao Pensamento Técnico dos Pés Dentro da Caixa Preta da Periodização Táctica – Um Estudo de Caso*. Porto: M Gomes. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Guilherme Oliveira, J. (2003a). Entrevista In *Modelo de Clube: Da Concepção à operacionalização. Um estudo de caso no Futebol Clube do Porto*. Dissertação

de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Guilherme Oliveira, J. (2003b). Entrevista In «*Defesa à Zona*» no *Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o jogar deve manifestar*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Guilherme Oliveira, J. (2004). *Conhecimento Específico em Futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo de ensino-aprendizagem/treino do jogo*. Porto: J. Guilherme Oliveira. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Guilherme Oliveira, J. (2006). Entrevista In *Do Pé como Técnica ao Pensamento Técnico dos Pés Dentro da Caixa Preta da Periodização Tática – um Estudo de Caso*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Guilherme Oliveira, J. (2006). Entrevista In Silva, M. (2008): *O desenvolvimento do jogar, segundo a Periodização Tática*. Pontevedra: MCSports.

Infopédia enciclopédias e dicionários porto editora, (2009). *Dicionário Editora da Língua Portuguesa 2010 Acordo Ortográfico*. Porto Editora <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/marcação>

Le Moigne, J. (1990). *La modélisation des systèmes complexes*. Paris: Bordas.

Lillo, J. (2003). in Nuestra entrevista del mês: “seis planteamientos sobre el juego y la táctica”. *Revista Técnica Profesional - Training Fútbol*, 90, 8-13.

Menotti, C. L. (2004)., In Nuestra entrevista del mês: entrevista de metodologia y táctica. Revista Técnica Profesiona. – *Training Futbol*, 99, 8-17.

Mourinho, J. (2003). Entrevista In «Defesa à Zona» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o jogar deve manifestar. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Pereira, N. (2005). *Análise Diacrónica da Transição Defesa – Ataque em Equipas de Futebol de Rendimento Superior. Estudo dos padrões de jogo com recurso à análise sequencial e as coordenadas polares*. Porto: N. Pereira. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Pereni, C. & Di Cesare, M. (1998). *Zone Play – A Technical and Tactical handbook*. Reedswain

Perez, G.(2002). Nuestra entrevista del mês: entrevista de táctica. Revista Técnica Profesional - *Training Fútbol*, 76, 8-15.

Pinto, J. (1996). A táctica no Futebol: Abordagem Conceptual e Implicações na Formação. In J. Oliveira & F. Tavares (Eds.), *Estratégia e táctica nos jogos desportivos colectivos* (51-62). Porto: CEJD.

Pinto, J e Garganta, J. (1996). Contributo da Modelação da Competição e do Treino para a Evolução do Nível de Jogo no Futebol. In *Estratégia e Táctica nos Jogos Desportivos Colectivos* (pp. 83-94). J. Oliveira & F. Tavares (Eds.). CEJD, FCDEF-UP.

Quinta, R. (2003). Entrevista. In N. Amieiro, «Defesa à Zona» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à

«inteireza inquebrantável» que o «jogar» deve manifestar. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Quivy, R & Campenhoudt, L.V. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Editora Gradiva – Publicações Lda.

Reis, J & Garganta, J. (2005). Transição defesa – ataque e método de jogo ofensivo em futebol: que relação? In *Estudos 5* (pp. 58-59). Jorge Pinto (Ed.). Porto, FCDEF.

Resende, N. (2002). *Periodização táctica. Uma concepção metodológica que é uma consequência trivial do jogo de Futebol. Um estudo de caso ao microciclo padrão do escalão Sénior F.C. Porto 2002*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Savelsbergh, G. & van der Kamp, J. (2005). A especificidade da prática: o futebol como exemplo. In D. Araújo (Ed.). *O contexto da decisão: A Acção Táctica no Desporto*. Lisboa: Visão e Contextos, pp. 389-395.

Silva, A. (2009). *A Gestão dos centros de treino dos clubes de futebol*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Silva, M. (2008). *O desenvolvimento do jogar, segundo a Periodização Táctica*. Pontevedra: MCSports.

Tavares, F. (1993). *A capacidade de decisão táctica no jogador de basquetebol. Estudo comparativo dos processos perceptivo-cognitivos em atletas seniores e cadetes*. Tese de Doutoramento não publicada. Porto: FCDEF-UP.

Tavares, F. & Faria, R. (1996). A capacidade de jogo como pré-requisito do rendimento para o jogo. In J. Oliveira & F. Tavares (Eds.), *Estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos*. Porto: CEJD.

Teodorescu, L. (1984). *Problemas da teoria e metodologia nos jogos desportivos*. Lisboa: Livros Horizonte.

8. Anexos

Anexo I

Entrevista

Preparação da acção ofensiva

➔ Perguntas referentes ao Modelo de Jogo construído pelo treinador, especificamente para a equipa onde se encontra no momento, este pode, ou não, ser coincidente com o seu Modelo de Jogo ideal (Concepção de Jogo).

1- Qual o sistema de jogo que utiliza? É o mesmo para defender e para atacar?

2- Que tipo de organização defensiva pretende para a sua equipa? (Altura do bloco, Tipo de defesa: individual, H-H, Zona, entre outras.)

3- Que tipo de referências dá aos seus jogadores, em termos de posicionamento, para fazer frente ao ataque da equipa adversária?

4- Prescinde de algum jogador na fase defensiva para depois o libertar para outras funções?

5- No caso de a sua primeira linha defensiva ser ultrapassada pela equipa adversária, o que pretende dos jogadores que a constituíam?

6- Pode indicar as zonas de pressão preconizadas, diferenciando onde a pressão exercida é passiva (Contenção) ou mais activa (Pressing)? (Esquema no programa soccerPlaybook.)

7- Existem zonas e momentos mais importantes para a sua equipa conquistar a bola ao adversário, ou a finalidade única é ganhar a bola?

8- Qual a primeira preocupação no momento de recuperação da posse da bola? (Referências para sair para o ataque.)

9- Após a recuperação da posse da bola, pretende que os seus jogadores procurem a baliza adversária ou o objectivo é apenas manter a posse da bola?

10- A forma como pretende que a sua equipa defenda possui alguma relação com a forma como quer atacar? Se sim, de que tipo?

11- Tendo em conta o Modelo de Jogo que preconiza para a sua equipa, como aborda o lado estratégico do jogo (esclarecer o que significa isto)? Qual a importância que lhe confere e quais os comportamentos que altera (se altera) relativamente à preparação da acção ofensiva?

12- Numa semana-tipo para trabalhar a organização defensiva, quais os aspectos que tem em consideração na preparação dos exercícios? (Pergunta controlo – Verificar a coerência do discurso).

Anexo II

Entrevista Realizada a Luís Ferreira

Treinador da Equipa Júnior do Vitória de Guimarães

Complexo Desportivo Dr. António P. Machado, (Guimarães) 4 de Junho 2009

Tiago Salgado (T.S.): Começo por esclarecer que esta entrevista é referente ao modelo de jogo construído para a sua equipa, e não para o seu modelo de jogo ideal. Posto isto, a primeira pergunta é: Qual o sistema de jogo que o Guimarães, neste caso, utiliza? É o mesmo para defender e para atacar?

Luís Ferreira: Bem, nós estamos no Vitória, nós jogamos sempre para ganhar, e como jogamos sempre para ganhar, jogamos sempre da mesma forma, tanto em casa como fora. Relativamente à equipa de juniores, é assim que ela funciona. Curiosamente esta equipa já foi minha à dois anos atrás, portanto é uma equipa que eu já trabalho à três anos, e à dois anos atrás também fomos à fase final do campeonato de juvenis, lutamos até à ultima jornada para ser campeões nacionais. E uma das coisas que na altura, e se calhar isso foi-se reflectindo neste ano, naquele ano um dos problemas que havia, e que eu acho que havia, aqui na formação ainda havia alguns complexos em jogar contra o Porto, contra o próprio Boavista, quando eu cheguei aqui ao Vitória ainda haviam alguns complexos em jogar contra essas equipas. Esse complexo era um bocado de inferioridade não é!? A partir desse momento, naquele ano passamos todas as etapas, eliminando Boavistas, Bragas, Portos e por aí fora, ganhamos ao Benfica, ganhamos a todas as equipas em Portugal, menos ao Sporting infelizmente. A determinada altura, adoptamos aquilo, pronto! Vamos jogar sempre da mesma maneira, por uma questão de dar confiança à equipa também, e vamos jogar para ganhar seja com quem for. E conseguimos ir até ao último jogo lutar pelo título. Deixei-os um ano e apanhei-os outra vez. E o

que é que eu senti este ano? Senti este ano que quando queria baixar o bloco em determinadas alturas e fazer determinado tipo de coisas, essas coisas não funcionavam muito bem, porque a equipa é, em termos psicológicos, muito forte e acaba sempre por assumir o jogo. Lembro-me por exemplo do jogo na Académica, que eu achava que era um jogo muito difícil, a Académica era uma equipa muito boa e o campo era grande e tal...vamos baixar um bocado o bloco e vamos tentar explorar o contra-ataque. Os primeiros vinte minutos tivemos logo três oportunidades de golo. É uma equipa que, por sistema, porque tem dois laterais que sobem muito, eu gosto muito que os laterais subam, geralmente procuro dois laterais rápidos e que subam bem no terreno, um deles é um lateral adaptado de ala, já por causa disso, gosto que o lateral tenha qualidade de jogo e que possa subir alternadamente, e portanto, por sistema, jogamos sempre para ganhar.

T.S.: Mas o sistema predilecto? 4-3-3, 4-4-2...

Luís Ferreira: Nós jogamos num 4-2-3-1. Porque dentro do meu modelo de jogo há coisas que são extremamente importantes, que são as coberturas ofensivas, as coberturas defensivas. Geralmente jogamos em 4-2-3-1, a cobertura ofensiva é sempre feita pelo médio de cobertura do lado que atacamos, por exemplo se o lateral direito subir...nós atacamos pelo lado direito, o médio de cobertura do lado direito faz a cobertura à subida do lateral e o outro tem mais liberdade para avançar, esses dois jogadores funcionam sempre dessa maneira. Portanto, jogo sempre no 4-2-3-1.

T.S.: Esse sistema de jogo foi sugerido pelo clube, ou foi uma construção sua?

Luís Ferreira: Nós aqui temos de jogar num 4-3-3, porque entendemos que em termos de formação, é o sistema táctico que potencializa todas as posições. Porque as equipas que jogam em 4-4-2, não fazem, entre aspas, “alas”, e nós jogamos num 4-3-3. A questão de jogar com dois médios de cobertura, ou jogar

com um trinco. Eu chamo médios de cobertura porque eu não uso a palavra trinco, porque o trinco para mim dá uma ideia de um jogador muito fixo, e não funciona assim.

Portanto eu fui dos treinadores aqui que utiliza à mais tempo esse sistema. Isso até fez alguma confusão a alguns directores, quando eu cheguei aqui. Achavam que era um escândalo estar a jogar com dois trincos...director é director, treinador é treinador, não é!? Eu sou ignorante na gestão, eles são ignorantes no futebol, não é!? Até eu sou, quanto mais...

T.S.: Segunda pergunta. Que tipo de organização defensiva, pretende para a sua equipa? Em termos de altura do bloco, tipo de defesa...

Luís Ferreira: Nós jogamos num bloco médio alto, eu chamo-lhe médio alto. Depois eu também uso muito isto, eu acho que nós, treinadores, devemos criar uma linguagem própria.

T.S.: Isso de bloco médio alto...ligeiramente à frente do meio-campo?

Luís Ferreira: Eu dou a denominação dos sessenta metros, ou seja, cinquenta para lá do meio-campo, mais dez para trás, ou seja, os meus centrais ficarão mais ou menos no círculo central, são dez metros mais ou menos até ao meio-campo. É uma denominação como outra qualquer, eles entendem assim, jogamos assim.

Como jogo em 4-2-3-1, o quatro e o dois, eu chamo-lhe o bloco defensivo à zona, esses fazem zona. Defendemos a zona, com coberturas e basculações. A bola entra na ala, o lateral faz pressão, por isso eu gosto de laterais rápidos, tem de ser homens que façam pressão, mas em contenção, para constranger a acção ofensiva do adversário, com coberturas, que geralmente são os dois médios de cobertura que fazem as dobras, para evitar a saída dos centrais. Com esses dois médios de cobertura, o que acontece!? A bola entra no ala, o lateral faz pressão rápida no ala, para constranger a sua acção, mas

difícilmente é o central que vai fazer a dobra, é o médio de cobertura para eles estarem posicionados.

Portanto, defendemos à zona, mas uma zona que eu também denomino como zona elástica. Ou seja, ela não é uma zona passiva, a bola entra naquela zona, o meu jogador tem de ser extremamente agressivo para constranger o adversário, esse jogador tocou a bola, ele retoma a sua posição.

T.S.: Que tipo de referências dá aos seus jogadores, em termos de posicionamento, ainda no momento defensivo, para fazer frente ao ataque da equipa adversária? Se é o posicionamento da bola, o posicionamento do adversário...

Luís Ferreira: Como defendemos à zona, por si só estamos a falar que é a zona, ou seja, a bola entra naquela zona, temos de defender aquela zona.

T.S.: A bola e a zona do terreno portanto!?

Luís Ferreira: Sim.

T.S.: Prescinde de algum jogador na fase defensiva para depois o libertar para outras funções?

Luís Ferreira: Dentro do meu modelo de jogo, os laterais tem uma função muito activa, geralmente, procuro laterais muito ofensivos e portanto, a função deles não é só defender. Claro que tem de ser feito de uma forma sustentada, alternadamente...

T.S.: Mas aqui estava a referir-me à possibilidade de deixar algum jogador mais liberto do trabalho defensivo, para depois ser uma referência para lançar o ataque.

Luís Ferreira: Na nossa acção defensiva, toda a equipa funciona como acção defensiva. Para mim todos os jogadores tem de ter uma acção defensiva, nem que seja posicional.

Se um jogador não é um recuperador de bola nato, nunca o vai ser. Dificilmente conseguimos fazer de um jogador que não seja recuperador de bola, que o seja. Eu joguei futebol vinte anos e não tirava a bola a ninguém. Mas eu entendo que esse jogador tem de ter um trabalho posicional, pelo menos posicional naquela zona, a equipa funciona como um bloco.

T.S.: No caso de a sua primeira linha defensiva ser ultrapassada pela equipa adversária, o que pretende dos jogadores que a constituíam?

Luís Ferreira: Desculpe...

T.S.: No caso da sua primeira linha defensiva, que já disse que era o esse avançado, ou ponta-de-lança e os dois médios alas, no caso de essa linha ter sido ultrapassada o que pretende deles?

Luís Ferreira: Bem, depois dela ter sido ultrapassada, se eventualmente o lateral subir o meu ala terá de trabalhar em termos defensivos, até uma determinada zona. Embora, equipas como Porto, Sporting e essas equipas de top, geralmente a acção defensiva deles é limitada a uma determinada zona, nós não, porque para mim, cada jogador terá que vir, portanto se o lateral subir ele terá de vir, portanto os desequilíbrios nunca poderiam ser feitos por aí.

T.S.: Mas no caso de os seus jogadores da frente serem ultrapassados pretende que eles sejam...

Luís Ferreira: Ah, já entendi. Vou-lhe dar um exemplo. Um ala é ultrapassado, é isso que me está a dizer!? Se ele acabou!? Não. O médio de cobertura daquele lado terá de fazer contenção, no sentido a desacelerar o processo ofensivo da equipa adversária, para que esse jogador possa recuperar em

termos defensivos, principalmente quando estamos desequilibrados. Nós trabalhamos muito isso e logo no início de época. Há jogadores que vão muito à queima, em situações de dois para um querem...o jogador se vir que não pode, tem de fazer contenção. As contenções e as coberturas para mim são muito importantes.

T.S.: Pode indicar aqui no computador, as zonas de pressão preconizadas, diferenciando onde a pressão exercida é mais activa (Pressing)?



Luís Ferreira: Geralmente, como nós jogamos sempre num bloco médio alto, tentamos evitar sempre que a equipa adversária saia a jogar. Se a equipa tem dois centrais e dois laterais, um ponta-de-lança fica num dos centrais, um ala fica noutro e o outro terá de ficar numa zona intermédia, porque são quatro contra três não é!?

Se eventualmente conseguirem sair a jogar, geralmente há um médio, que é aquele jogador mais comunicativo, que dá ordem para a equipa organizar, a equipa aí baixa o bloco e deixa-os circular. Quando a bola entra aqui nesta zona aqui, do lateral, aí funciona a pressão. E como é que funciona!? O lateral recebe a bola, o ala faz pressão, o ponta-de-lança faz pressão no central e o outro ala terá de fazer pressão no outro central, porquê!? Porque se houver retorno da jogada, estes dois homens já não podem receber a bola. Claro que aqui, há um homem que fica descurado, mas como jogamos com dois médios de cobertura, se eventualmente a pressão for mal feita, se a bola entrar do lado oposto estes dois homens fazem o trabalho de contenção em diagonal. Não sei se me estou a fazer entender...

T.S.: Sim, acho que estou a perceber o que quer dizer. Tentam encurralar o adversário nestas zonas...

Luís Ferreira: Sim, tentamos levá-los para aquela zona restrita, e ali é o momento. Não é como quando eu jogava a bola, que era o central que dizia: “saí”, e toda a gente saía, um ia para as Taipas, outro ia para...Portanto, era assim que funcionava.

T.S.: Existem zonas e momentos mais importantes para a sua equipa conquistar a bola ao adversário, ou a finalidade única é precisamente ganhar a bola?

Luís Ferreira: Não, isso aí... Eu costumo dizer que ganhar a bola e perdê-la é uma acção nula, não serve para nada. Quando fazemos a pressão, um dos

médios de cobertura, fará a cobertura ao ala e o outro médio, em diagonal, estará mais à frente para receber a bola. O ala se ganhar, joga neste que está a dar apoio e vamos sair pelo outro lado. Temos de prever a recuperação da bola. Essencialmente tirar a bola da zona de pressão, não vale a pena pressionarmos e sairmos a jogar pelo mesmo lado, porque para mim é um erro muito grande.

T.S.: Já foi respondendo à próxima pergunta, que é: Qual a primeira preocupação no momento de recuperação da posse da bola? Indique algumas referências para sair para o ataque.

Luís Ferreira: A primeira preocupação é fazer uma pressão bem feita e sustentada, depois criar situações como expliquei agora para ficarmos com a bola então depois tentar-mos sair pelo outro lado.

T.S.: Mas pretende que a sua equipa tenha preocupações mais verticais, tentando encontrar linhas de passe mais verticais, ou tente um futebol mais apoiado, tirando a bola do corredor?

Luís Ferreira: Deixe-me ver se me faço entender...A minha primeira preocupação é que a minha equipa tenha a noção de que ganhamos naquela zona e temos de a tirar dali...e criar mecanismos para que isso aconteça. Obviamente se pudermos ganhar e rapidamente sairmos pelo lado contrário, tudo bem, mas primeiro esta ideia. Existe muito esta tendência de ganhar a bola e tentar sair por ali, mas isto acontece em todos os escalões, por incrível que pareça. Há miúdos que ou porque são muito rápidos, ou porque são bons individualmente, ganha por ali e querem ir logo. É muito difícil dizer a um miúdo que é muito bom individualmente e que é muito rápido e que até desequilibra, que ele tem de ganhar a bola, tem de sustentar para sairmos por outro lado.

T.S.: Após a recuperação da posse da bola, pretende que os seus jogadores procurem a baliza adversária ou o objectivo é apenas manter a posse da bola?

Luís Ferreira: O primeiro objectivo é manter a posse de bola, claro que isto é tudo em fracções de segundos. Se pudermos sair rapidamente criar situações de desequilíbrio pelo lado contrário...a preocupação essencialmente é essa.

T.S.: A forma como pretende que a sua equipa defenda possui alguma relação com a forma como quer atacar? Se sim, de que tipo?

Luís Ferreira: Sim, o facto de fazermos uma pressão, como eu chamo, média alta, vamos tentar ganhar a bola no último terço do terreno e com isso queremos constranger o máximo o adversário para que não consiga se organizar, e rapidamente encontrar situações de ataque no último terço. Isso também nos obriga a estar constantemente em cima do adversário e com gente rápida atrás.

T.S.: O que diz aos jogadores para que percebam essa parte do seu modelo de jogo?

Luís Ferreira: Eu tenho um modelo de jogo, e esse modelo é desenhado, eu sou desenhador têxtil e trabalho com programas de desenho, portanto tenho isso tudo documentado. Tento por partes, e no primeiro dia da época faço trabalho defensivo, isso para mim é o fundamental logo, por exemplo o 4x6, com os quatro defesas, e como eles tem de se comportar em inferioridade numérica. E portanto se defendemos à zona e se defendemos com o bloco alto, o objectivo depois de recuperar a bola é tê-la não é!? Tê-la para poder atacar...tudo está inter-ligado...

T.S.: Já foi respondendo também a esta questão...

Tendo em conta o Modelo de Jogo que preconiza para a sua equipa, como aborda o lado estratégico do jogo? Qual a importância que lhe confere e quais os comportamentos que altera, se altera, relativamente à preparação da acção ofensiva?

Aqui o lado estratégico refere-se às pequenas nuances no comportamento da sua equipa em função do adversário.

Luís Ferreira: Geralmente, nós temos uma maneira de defender os lances de bola parada, que são muito importantes, em termos do adversário. Vamos dividir isto por fases, numa primeira fase do campeonato, nós jogamos com equipas teoricamente menos fortes, nós temos outras obrigações. Por exemplo, a questão que lhe expliquei à bocado, da cobertura dos médios de contenção, começamos a fazer isso quando jogamos com equipas como o Braga, como o Porto, como o Benfica, porque tem alas muito rápidos, alas que não baixam muito em termos defensivos, alas que esperam ter sempre situações de 1x1. Obviamente se jogar com uma equipa do fim da tabela, ou do meio da tabela, a cobertura não será a mesma, temos de arriscar muito mais neste sentido. Só neste sentido, em termos das coberturas e das bolas paradas é que modificamos.

T.S.: Em termos ofensivos acaba por...

Luís Ferreira: Mantemos o mesmo. Por exemplo neste jogo, vamos jogar contra o Porto e eu vou apresentar, também porque tive algum azar, vou apresentar a equipa mais ofensiva que nem contra o último classificado joguei. Nós temos de meter na cabeça que...se não conseguirmos mentalizar os miúdos que é possível ganhar e que somos tão bons como eles, se for o treinador a dizer: “oh pah, cuidado com aquele gajo que ele é muito bom...”. Por exemplo, eu cometi um erro no início, eu sou treinador à 11 anos, trabalhei 7 anos no futebol sénior, e quando fazemos observação da equipa adversária, “o pah aquele gajo ele finta muito para o lado direito, ou para o lado esquerdo, ele é muito bom nisto...”, se valorizarmos de mais o adversário, pela minha curta experiência, isso é mau. Temos que “olha a equipa deles joga assim, assim e assim, habitualmente temos isto e acabou...”, não dar demasiada importância porque se dermos estamos a inferiorizar-nos a eles e acho que não é por aí...

T.S.: Última pergunta: Numa semana-tipo para trabalhar a organização defensiva, quais os aspectos que tem em consideração na preparação dos exercícios?

O que queria perceber é se quando prepara a equipa defensivamente, quer que a sua equipa defenda apenas um alvo, uma linha ou uma baliza, ou se propõe outros objectivos para além desse?

Luís Ferreira: É assim, essa resposta depende da altura da época. Como lhe expliquei à bocado eu começo o trabalho defensivo de quatro e depois acrescento mais dois, sempre em inferioridade numérica, sempre com uma baliza, esse tipo de treino é sempre com uma baliza, depois acrescento mais um jogador e geralmente trabalho ou oito contra sete, ou sete contra seis ou seis contra quatro, nunca cinco contra quatro, sempre seis contra quatro. Isto vai por fases, consoante a minha última linha defensiva, que é a defesa, tiver a funcionar, depois vamos acrescentar os dois homens, vamos relacionando as situações.

Eu tenho geralmente quatro tipos de trabalho defensivos, quatro tipos de trabalhos transições ofensivas, quatro tipos de trabalhos... Não sou a favor que se faça muito mais do que isso, para que os próprios jogadores também estejam identificados com isso, porque se estivermos a mudar demasiado...e a partir do momento que aquilo entra naquilo que a gente pretende em termos de trabalho, estabiliza-se o microciclo, e geralmente eu tenho por hábito, se jogar fora de casa dou mais prioridade ao trabalho defensivo e se jogar em casa dou mais prioridade à organização ofensiva.

T.S.: Mas por exemplo, depois de ganhar a posse de bola propõem outros objectivos, ou o objectivo é apenas defender a baliza como referiu?

Luís Ferreira: Ah já entendi, eu estava a ir por outro caminho. Isso vai por fases, quando só estou a trabalhar os quatro defesas, numa fase ainda muito

no início de época, o objectivo é defender, é exactamente defender. Quando meto os dois jogadores, porque também isto está tudo interligado, aí já começamos a, quando temos a posse de bola, já crio zonas para ultrapassarem no terreno, porque, porque temos de manter a posse de bola, porque se jogamos com quatro e com mais dois, criamos dois triângulos de apoio, e os jogadores sabem que tem as referências, cada jogador tem pelo menos três linhas de passe.

T.S.: Bem, terminamos. Obrigado pela colaboração!

Anexo III

Entrevista Realizada a Dito

Treinador da Equipa Júnior do S. C. Braga

Estádio 1º de Maio (Braga), 28 de Maio de 2009

Tiago Salgado (T.S.): Esta entrevista é referente ao modelo de jogo construído para a sua equipa, e não para o seu modelo de jogo ideal. A primeira pergunta é: Qual o sistema de jogo que o Braga utiliza? É o mesmo para defender e para atacar?

Dito: Os sistemas de jogo, como deves saber, são em função daquilo que temos à disposição, ou seja, isto implica muitas coisas. Uma delas é que eu cheguei aqui a primeira vez, e podia ser aqui como podia ser em outro sítio qualquer... Quando se chega a primeira vez, temos um plantel à disposição e sabemos que somos nós que escolhemos o plantel, quando somos nós que escolhemos o plantel, ou parte do plantel, podemos fazer essas aquisições em função da nossa ideia de jogo e daquilo que nós pretendemos para as nossas equipas. Partindo daí, aquilo que nós fizemos em relação ao plantel que estava à nossa disposição, e como transitaram catorze a quinze jogadores da época anterior, depois entraram cinco seis jogadores mais, nós conseguimos que fosse possível aproximar-nos, o que seria bom, não significa que tenha de ser assim, aproximar-nos daquilo que era o modelo de jogo da equipa principal do Braga, porque estamos aqui a falar da última etapa, digamos, não da formação do jogador, porque o jogador forma-se até ao final da sua carreira, mas a formação mesmo. Ou seja, da chamada formação, esta é a última etapa. Nós aqui preparamos jogadores que possam integrar a equipa principal do Braga e porque os jogadores podem a qualquer momento ser chamados à equipa principal, como aconteceu agora na parte final, nos últimos dois jogos, e esses jogadores tem de estar minimamente preparados para jogar no sistema em que

a equipa principal está a jogar. Esta foi uma das razões que nos moveu a jogar em 4-4-2.

T.S: Foi sugerido portanto...

Dito: Não foi sugerido, quer dizer, houve uma intenção nossa, obviamente que há conversas também com quem esta a treinar a equipa principal e nós entendemos que seria bom fazer isso, o que não significa que não se possa fazer uma coisa diferente, porque a minha ideia de formação é que nos estamos aqui a formar jogadores e não equipas, ou seja nos não conseguimos formar equipas porque em cada escalão nós vamos perdendo, eu este ano vou perder dez ou doze porque terminam, não os consigo manter aqui não é!? Portanto, nós formamos jogadores, agora sempre que se possa, como foi o caso, aproximar-nos um pouco do sistema que está a ser utilizado na equipa principal nós fazemo-lo. E sempre que isso também não prejudique o rendimento da equipa. Nós percebemos que não iria prejudicar, percebemos que tínhamos jogadores capazes de interpretar o sistema utilizado na equipa principal e que esse até seria, ao fim de algum tempo, até porque quando eu cheguei, logo na primeira hora, a minha ideia era o 4-3-3 e depois fui modificando, porque também fui percebendo melhor as características dos jogadores que tínhamos e também percebi que em 4-4-2 a equipa ficaria mais forte do que em 4-3-3, e foi isso que fizemos. Em relação se é o mesmo sistema para defender, isso depois há as movimentações, quando se joga com dois avançados, há quem utilize os avançados abertos a defender e nós não fizemos isso, até aí nos aproximámos também, porque achamos que é mais simples, porque o 4-4-2 as movimentações são sempre um bocadinho mais difíceis tanto defensivas como ofensivas do que o 4-3-3 que é mais simples em termos de movimentações. O 4-4-2 exige um bocadinho mais dos jogadores a nível táctico. E por isso nós utilizamos, defensivamente em relação aos dois avançados, colocar sempre um na vertical do outro que facilita muito mais e corre muito menos.

T.S.: Que tipo de organização defensiva pretende para a sua equipa relativamente à altura do bloco e ao tipo de defesa?

Dito: A ideia é sempre que a equipa perde a bola, o mais rápido possível formar duas linhas de quatro, independentemente que um dos médios possa ficar perdido num lance ofensivo mais na frente, qualquer um dos avançados terá de preencher o espaço mais perto para que essas duas linhas de quatro fiquem formadas o mais rápido possível, ou seja, transições defensivas rápidas, e partindo daí então fazer a pressão conforme deve ser feita no local onde está a bola e depois as movimentações partem daí, mas ideia é sempre essa, é fazer essas duas linhas, que é, no fundo a segurança logo o mais rápido possível. Isto é feito sempre que não é possível pressionar no meio campo contrário, quando isso é possível utilizamos isso muitas vezes, sempre que é possível fazer pressão no meio campo contrário, como sabes o pressing é sempre uma acção colectiva, pode ser individual mas é sempre uma acção colectiva e a partir daí fazer isso. Em relação ao tipo de defesa, nós utilizamos muito mais a defesa à zona, aliás deu para ver pelo que eu disse.

T.S.: Que tipo de referências dá aos seus jogadores, em termos de posicionamento, para fazer frente ao ataque da equipa adversária? Se é o posicionamento da bola, o posicionamento do adversário...

Dito: Sempre o espaço, eu preocupo-me e tento passar essa mensagem. Nós temos de ocupar o espaço que o adversário quer conquistar, acho que isso é fundamental. A partir daí, saindo da primeira linha de defesa ocupar esse espaço que o adversário quer conquistar e partindo sempre de prioridades do espaço que pode ser mais perigoso para a baliza e antecipar um bocadinho, que é aquilo que eu também acho, até porque fui defesa e também tenho essa experiencia, que os defesas devem sempre antecipar um bocadinho as jogadas, não tentar adivinhar, que é um erro, mas antecipar sendo cauteloso nessas acções porque o tentar adivinhar muitas das vezes... Porque nós não podemos tentar adivinhar. Quando se vai discutir um lance a garantia de o

ganhar tem de ser de 100%, se não eu prefiro que eles me mantenham tal o posicionamento que é importante.

T.S.: Prescinde de algum jogador na fase defensiva para depois o libertar para outras funções?

Dito: Se eu prescindo de algum jogador na fase defensiva para depois o libertar para outras funções...

T.S.: Sim, por exemplo, à pouco disse que jogava com dois avançados, se algum deles está mais liberto de acções defensivas para depois...

Dito: Não, não é uma preocupação... Isso tem a ver depois com a recuperação de bola não é!? Para que depois esse jogador possa ser importante na saída para o ataque. Para além dos dois avançados... o nosso 4-4-2 podemos chamar isto de um 4-1-3-2 porque esses três jogadores podem variar a posição, desde que depois respeitem o posicionamento em termos defensivos e em termos ofensivos. Eles tem mais ou menos as mesmas características e por isso se podem movimentar na meia direita, no centro ou na meia esquerda. E estes jogadores na conquista da bola, o que eu procuro dizer é que conforme a metade vertical do campo onde está a bola, um desses jogadores tem de se libertar imediatamente em cima da linha, que é a mensagem que eu tento passar sempre, que quando se tem a bola por campo grande, para libertar esses espaços para depois procurar espaços para receber a bola. Nunca dei nenhuma indicação para que alguém tivesse...embora isso de uma forma natural acontece porque já sabem que quando se conquista a bola a primeira preocupação na equipa é a baliza contrária, nem que seja num guarda-redes, ao sair a um cruzamento da equipa contrária, seja qual for a zona do campo, a primeira preocupação é olhar se está alguém em posição para seguir para a baliza, rapidamente perceber se a percentagem de ter êxito é grande, porque se não, perder a bola implica andar outra vez atrás dela e isso cansa muito. Portanto essa é uma das prioridades que eu quero e que eles apliquem, ou

seja qualquer jogador bem posicionado pode...não há ninguém específico para essa missão.

T.S.: No caso de a sua primeira linha defensiva ser ultrapassada pela equipa adversária, o que pretende dos jogadores que a constituíam?

Dito: A primeira linha defensiva a partir do ataque não é? Ou seja, estamos a falar aqui dos jogadores mais avançados? Não é a primeira linha defensiva a partir de trás...

T.S.: Exactamente...Depois de eles serem ultrapassados o que lhes pede?

Dito: Essas duas linhas de quatro são exactamente para isso, ou seja, já está ali uma barreira difícil de ultrapassar, e as duas linhas de quatro é para encurtar o espaço. Eles sabem mais ou menos que tem de funcionar a uma distância de dez a quinze metros, em função da zona do campo onde estão, se estão mais atrás ou mais à frente, que é para que estes espaços entre linhas não sejam possíveis de conquistar pelo adversário. Em relação aos dois, porque no fundo aqui a primeira linha da forma que nós jogamos, são os dois avançados, apesar de um deles estar sempre na frente dos dois médios centrais, é posicionarem-se, é corrigirem, mal sejam batidos corrigirem a posição e ocuparem uma zona, ou aproximarem-se de um adversário que possa, principalmente aqueles mais recuados, normalmente um dos avançados tem a preocupação com o médio mais defensivo, ou organizador de jogo, que eu prefiro, não gosto muito da palavra trinco nestas coisas...

T.S.: O pivot...

Dito: O pivô, para que o jogo não possa ter rotação, porque normalmente são esses jogadores que fazem as mudanças de jogo.

T.S.: Pode indicar aqui no computador, as zonas de pressão preconizadas, diferenciando onde a pressão exercida é mais activa (Pressing)?



Dito:

Posicionados no 4-1-3-2 e muitas das vezes uma das indicações, e é aquilo que eu acho que deve ser a forma de se pressionar nesse meio-campo, é dar mesmo a possibilidade de um dos centrais fazer o passe ao lateral, ou seja, iludir mesmo, baixar, fazer de conta que não é nada com ele e no momento em que o passe é feito para o lateral, calcular essa distância para não ficar muito longe do lateral, e no momento que o passe é feito sai quase ao mesmo tempo que a bola e a partir daí...Aliás nós este ano acho que temos alguns golos e não são poucos, através dessa acção. Nos centrais, normalmente deixo jogar e depois a partir do momento em que sai o passe...então se for do central

contrário, que acontece muito isso, eu aos meus não permito que o central contrário passe ao lateral contrário, mas acontece muito isso e quando isso acontece, mais rapidamente se consegue conquistar a bola, às vezes ainda se chega primeiro, porque o passe é tão longo não é!?

T.S.: Existem zonas e momentos mais importantes para a sua equipa conquistar a bola ao adversário, ou a finalidade única é precisamente ganhar a bola?

Dito: No fundo são esses...

T.S.: Por exemplo, se prefere ganhar a bola mais perto das laterais ou...

Dito: Mas isso, lá está, é daquelas coisas que depende muito dos adversários. Eu não posso jogar da mesma maneira contra o Porto ou contra Guimarães, que são das equipas mais fortes, ou a própria Académica, do que jogo contra o Infesta. Eu aqui sou capaz de dar indicações para se pressionar em várias zonas do campo e de forma mais acentuada, mas há algumas equipas que não temos tanto essa preocupação, ou seja, jogamos um bocadinho mais em contenção e tentando conquistar a bola... e até porque essas equipas tem jogadores muito mais evoluídos. Eu se chegar ao pé de um jogador do Porto ou do Vitória, que são jogadores mais evoluídos e de outras equipas, eu não tenho tanto êxito se pressionar, e porque as movimentações deles mesmo quando tem a bola, dos jogadores mais avançados, são mais inteligentes são mais evoluídos também, ou seja, tenho de ter mais preocupação com os tais espaços que é preciso ocupar para que eles não os conquistem. Obviamente não deixar que pensem muito quando tem a posse da bola...

T.S.: E contra equipas mais limitadas?

Dito: Contra equipas mais limitadas, aí não tenho dúvidas. Houveram alguns jogos que partimos mesmo para aí, ou seja, ganhar a bola rapidamente e perto da baliza adversária, aproximar mais as marcações e isso. Agora nunca fomos

uma equipa, obviamente por ordens minhas, e porque privilegio mais outras coisas, de pressing constante, isso nunca fomos.

T.S.: Qual a primeira preocupação no momento de recuperação da posse da bola? Indique algumas referências para sair para o ataque.

Dito: A primeira preocupação é a baliza contrária. A partir do guarda-redes, como disse à pouco, nem que seja num cruzamento, a primeira coisa que ele faz quando tem a bola é partir para a linha limite da grande área e ver se tem alguém em posição para sair para o ataque. Embora, normalmente os jogadores que estão mais adiantados tem adversários mais próximos e isso também não é tão fácil de sair. Eu estou-me a referir neste caso ao guarda-redes, mas também podemos falar aqui de outras coisas, mas o guarda-redes, a preocupação primeira, até porque os laterais também sabem disso, nos pontapés de canto ou cruzamentos mesmo, o lateral contrário de onde saiu o cruzamento, também sai disparado para a linha para receber a bola do guarda-redes, que é sempre uma forma mais segura.

T.S.: A forma como pretende que a sua equipa defenda possui alguma relação com a forma como quer atacar? Se sim, de que tipo?

Dito: Bem isto aqui... (pausa).

T.S.: Se por exemplo, as zonas onde me falou que a sua equipa pressiona mais activamente possuem alguma relação com a forma como quer atacar? Ou seja, se defende para atacar de uma determinada forma, ou se defende para atacar de seguida?

Dito: Bem, eu acho que já fui respondendo a isso ao longo da entrevista.

T.S.: E pretende acrescentar mais alguma coisa?

Dito: Não, eu acho que pelo que disse atrás já respondi a tudo.

T.S.: Passemos então para a próxima pergunta.

Tendo em conta o Modelo de Jogo que preconiza para a sua equipa, como aborda o lado estratégico do jogo? Qual a importância que lhe confere e quais os comportamentos que altera, se altera, relativamente à preparação da acção ofensiva?

Aqui o lado estratégico refere-se às pequenas nuances no comportamento da sua equipa em função do adversário.

Dito: Exacto. A estratégia é um aspecto importante. Para mim isto tem a ver, ou tem quase tudo a ver com o comportamento, em função do adversário, em função do campo, em função do público, e o equilíbrio emocional que um jogador deve ter para enfrentar determinados momentos, porque isto é feito de momentos, não é!? Ao longo de uma época.

T.S.: Então para si este lado estratégico é bastante importante é algo que durante a semana tem em atenção.

Dito: É importante relativamente a estas coisas que eu disse. Embora aqui também possa falar um pouco da táctica em si, mas eu acho que este lado estratégico passa mais por isto que eu disse, com outros factores que estão à volta do jogo e que podem ter uma relação directa com o jogo e que podem ter uma relação directa com a exibição de um jogador, com a de uma equipa e que temos também essa obrigação, de para além daquilo que está directamente ligado com a táctica com o jogo e com o adversário, que no fundo também está, mas é o que rodeia um jogo de futebol, desde como disse do público, do estado do terreno, das características do próprio adversário, que pode ser um adversário que jogue pouco, mas que utiliza métodos que podem complicar a vida, e nós tivemos alguns exemplos e acho que esta preparação é importante.

T.S.: E em relação ao tema central da entrevista, da preparação da acção ofensiva, já falou à pouco, que passava por subir um pouco as linhas de pressão mais avançadas quando joga com adversários teoricamente mais fracos. Isso já tinha referido.

Dito: Sim, sim.

T.S.: Numa semana-tipo para trabalhar a organização defensiva, quais os aspectos que tem em consideração na preparação dos exercícios?

A pergunta refere-se basicamente a quando quer trabalhar defensivamente a equipa, se o objectivo primordial é colocar a equipa a defender a baliza, ou outro alvo qualquer, uma linha...ou tem outras preocupações?

Dito: Existem princípios que só falo nas primeiras duas ou três semanas, e depois posso eventualmente lembrar. Há coisas que digo no início, pego neles e explico aquilo que pretendo, principalmente até em relação ao sector defensivo, depois pego nos médios e depois juntos tudo, pronto essas coisas todas.

T.S: O que eu queria perceber nesta pergunta era se quando faz um exercício para trabalhar a organização defensiva, propõem outro objectivo depois da recuperação da posse da bola ou...

Dito: Sempre, nunca só. Esse trabalho que faço no início não, aí são os tais princípios que quero, de movimentos, de ocupação de espaços de compensações, essas coisas. A partir daí, também é relativo aos adversários, por exemplo como se defende uma equipa que quando tem a bola nunca sai a jogar, nós apanhamos equipas que não saem a jogar, que são diferentes de outras que jogam, que tem movimentações interessantes, e não é só o Porto o Braga e o Guimarães e a Académica, depois há individualmente também jogadores que ressaltam mais, aquelas preocupações dos jogadores mais

evoluídos tecnicamente tentamos saber se em dez acções ele dribla mais para a esquerda ou para a direita, nós damos essas indicações também, que é para os jogadores estarem minimamente preparados.

T.S.: E coloca logo de seguida outros objectivos?

Dito: Agora no treino sempre. Se fizer uma acção pela esquerda de cruzamento, ponho a defesa e os médios posicionados e deixo ficar dois ou três jogadores, que são aqueles que vão ficando pelo caminho quando é um ataque rápido que é para sair depois a equipa para o ataque, isso faço sempre...

T.S.: Obrigado pela atenção!

Anexo IV

Entrevista Realizada a Ruca

Treinador da Equipa Júnior do Gil Vicente F.C.

Café Central, (Barcelos) 14 de Julho 2009

Tiago Salgado (T.S.): Começo por esclarecer que esta entrevista é referente ao modelo de jogo construído para a sua equipa, e não para o seu modelo de jogo ideal. Posto isto, a primeira pergunta é: Qual o sistema de jogo que o Guimarães, neste caso, utiliza? É o mesmo para defender e para atacar?

Ruca: Eu gosto que as minhas equipas joguem, ou percebam bem como é jogar em 4-3-3 e em 4-4-2. O 4-3-3 penso que a equipa ocupa melhor o espaço no terreno, em termos defensivos fica mais equilibrada e atacar também, portanto gosto de preparar as minhas equipas para o 4-3-3. Quando quero jogar mais ofensivamente, jogo com dois pontas de lança, portanto jogo num 4-4-2, que me permite ter dois homens do meio campo a entrar pelas alas, e atacar com dois alas e ter dois pontas de lança.

T.S.: O que utiliza mais então é o 4-3-3!?

Ruca: Sim, é o 4-3-3.

T.S: Foi um sistema sugerido pelo clube ou foi uma construção sua?

Ruca: Não, normalmente fala-se muito nessa situação de começar nas escolinhas, nas camadas jovens com o mesmo sistema que se pretende para chegar ao futebol profissional, mas isso requer uma boa organização e uma forte aposta do clube, o que não é bem o caso do Gil Vicente. Portanto nos

temos em cada escalão a liberdade de escolher o sistema e de escolher os sistemas e portanto, desenvolvê-lo e alterar.

T.S.: Segunda questão: Que tipo de organização defensiva, pretende para a sua equipa? Em termos de altura do bloco, tipo de defesa...

Ruca: Normalmente gosto de jogar com quatro defesas, dois laterais, dois centrais, dois homens à frente da defesa, que são esses que me vão permitir libertar os restantes elementos. Portanto, no 4-3-3 há um elemento que joga à frente destes. Neste sistema recuperar essencialmente os seis homens para depois, na perda da bola, os outros, o mais rápido possível virem encaixar.

T.S.: Em termos da altura do bloco, a sua primeira linha ofensiva, joga em que zona do terreno?

Ruca: Depende um bocadinho dos adversários. Se é um adversário que goste de jogar a pressionar logo na nossa área, às vezes, por uma questão de estratégia faço baixar a equipa toda até à linha do meio campo, para depois tentar explorar os contra-ataques rápidos. Em situações ofensivas, que eu quero assumir o jogo mesmo ofensivamente aí gosto que a minha defesa jogue entre a área e o meio campo e os avançados comecem a pressionar logo à saída da área adversária.

T.S.: E o tipo de defesa? Se é individual, homem a homem...

Ruca: Os jogadores preferem, principalmente os centrais, preferem jogar à zona, portanto na zona, onde cair o ponta-de-lança adversário, quem estiver mais próximo marca. Eu pessoalmente, para responsabilizar mais o jogador, parece um bocadinho mais antiquado, eu acho que não, mas cada um interpreta à sua maneira, se os jogadores me derem garantias de poderem jogar à zona, se forem os dois bons a marcar e a jogar à bola os dois, não há problemas em jogar à zona, mas se um for melhor a marcar e o outro mais desenvolvido tecnicamente, mais criativo a jogar, eu prefiro então jogar com

aquele que não é tão bom tecnicamente a marcar o adversário e o outro a jogar mais atrás e a organizar o jogo de trás.

T.S.: Equipa? Joga individual ou...

Ruca: A restante equipa joga mais à zona. Gosto que joguem atrás da linha da bola e depois na zona onde saiu o adversário, o jogador mais próximo pressionar o portador da bola.

T.S.: Que tipo de referências dá aos seus jogadores, em termos de posicionamento, ainda no momento defensivo, para fazer frente ao ataque da equipa adversária? Se é o posicionamento da bola, o posicionamento do adversário...

Ruca: Normalmente gosto que os meus jogadores joguem com os três blocos muito juntos, com o menos espaço possível e recuperarem atrás da linha da bola, é evidente que a referência é a bola, para depois o jogador mais próximo poder pressionar o portador da bola.

T.S.: Prescinde de algum jogador na fase defensiva para depois o libertar para outras funções?

Ruca: Sim, como já referi depende muitas das vezes da estratégia e do conhecimento que se tem do adversário, e às vezes dá-nos jeito até deixar subir os laterais adversários e deixar ficar até dois jogadores, dois jogadores rápidos para na recuperação da bola muito rapidamente tirar partido da situação avançada dos laterais adversários.

T.S.: quando joga com equipas teoricamente mais fracas prescinde de um ou dois jogadores portanto!?

Ruca: Sim, sim...

T.S.: E normalmente que jogadores são esses?

Ruca: Normalmente gosto de ter dois alas rápidos. São homens que quando me interessa que fechem quase como médios, fecham como médios e mas quando quero que eles joguem mais avançados até prescindindo deles defensivamente.

T.S.: Em simultâneo ou alternadamente?

Ruca: Em simultâneo, sim.

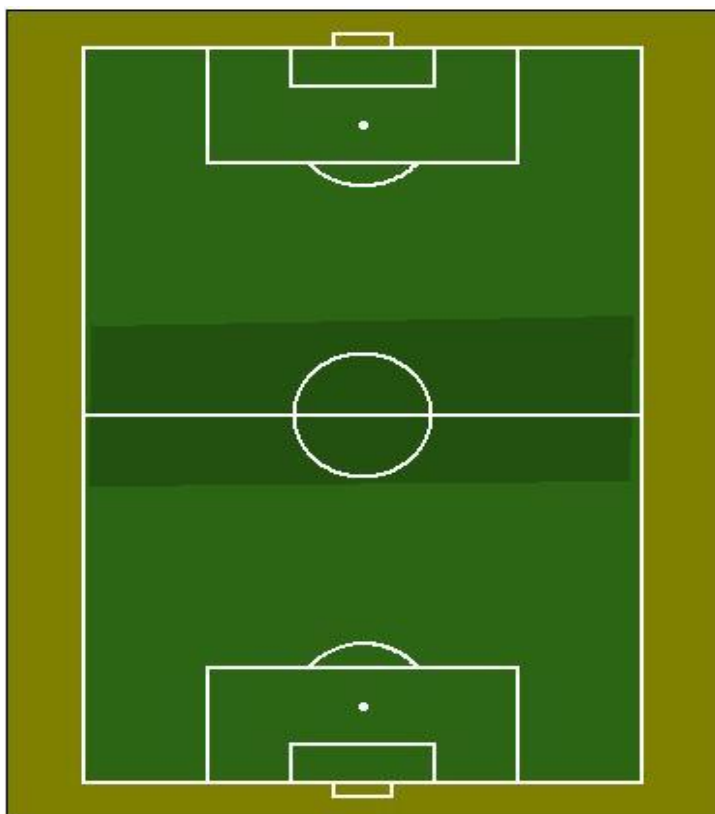
T.S.: No caso de a sua primeira linha defensiva ser ultrapassada pela equipa adversária, o que pretende dos jogadores que a constituíam?

Ruca: Dos três homens da frente?

T.S.: Sim, quando esses jogadores são ultrapassados pelo ataque contrário o que pretende deles?

Ruca: Normalmente, quando eles são ultrapassados pelo adversário, depende da zona em que o adversário saiu, eu normalmente sou bastante rigoroso no ala contrário ter pelo menos esse que me vir preencher o meio campo, neste caso passam a ser só dois a ser ultrapassados não é!?

T.S.: Pode indicar aqui no computador, as zonas de pressão preconizadas, diferenciando onde a pressão exercida é mais activa (Pressing)?



Ruca: As zonas de maior pressão, normalmente incidem aqui nesta faixa, na faixa do meio, aqui nesta zona. Se me interessa assumir o comando do jogo, então procuro jogar mais sobre a linha do meio campo e pressionar logo à saída da área adversária.

O adversário começa a entrar aqui, e é essa a zona de maior pressão. Gosto de ter os sectores juntos ali, para não haver espaço, com o guarda-redes ligeiramente subido, um dos centrais com muita atenção, a jogar ligeiramente atrasado, dois metros, talvez, atrás, que é para qualquer situação de uma bola metida ele poder recuperar a bola.

T.S.: Existem zonas e momentos mais importantes para a sua equipa conquistar a bola ao adversário, ou a finalidade única é precisamente ganhar a bola?

Ruca: É evidente que quando não temos bola, a organização atrás da linha da bola é fundamental para depois conquistarmos a bola. Se entretanto o

adversário estiver descompensado por ter organizado um ataque com quatro ou seis homens e nós recuperamos a bola, nós aí tentamos ser objectivos e ir rápido para a baliza. É isso que tento incutir, às vezes não se consegue, mas é isso que eu tento incutir. Em situações que o adversário esteja organizado, então nós aí procuramos fazer mais posse de bola e procurar o momento certo para atacar a baliza.

T.S.: Em termos de zonas do terreno em que queira particularmente ganhar a posse de bola? Existe alguma?

Ruca: Normalmente quando um dos laterais sobe, procuramos matar a jogada logo ali, com três, quatro homens...

T.S.: Perto da linha lateral?

Ruca: Perto da linha lateral, procuramos que quando um dos laterais contrários vai a subir, para mal o primeiro homem saia na bola termos logo dois três homens para mover ali uma acção de...

*** T.S.: Qual a primeira preocupação no momento de recuperação da posse da bola? Indique algumas referências para sair para o ataque.**

Ruca: A referência é o que eu acabo de dizer, recuperar a bola, ter dois homens que façam bem as alas, rápidos e com a equipa adversária descompensada jogar a bola nas costas de onde recuperamos a bola para o ala desse lado, e juntamente com o outro ala, o ponta-de-lança e o médio ofensivo procurar fazer golo.

T.S.: Já foi respondendo à próxima pergunta que é: Após a recuperação da posse da bola, pretende que os seus jogadores procurem a baliza adversária ou o objectivo é apenas manter a posse da bola?

Ruca: Se tivermos a perder, neste caso o objectivo é ser o mais objectivo possível e ir para o golo, se o resultado já nos for favorável e nos interessar até ganhar ali um bocadinho de tempo, a ideia então passa a ser manter a posse de bola se o resultado e o tempo jogar a nosso favor, dependendo também muito do adversário que defrontamos.

T.S.: A forma como pretende que a sua equipa defenda possui alguma relação com a forma como quer atacar? Se sim, de que tipo?

Ruca: Há alturas que nos interessa descer para cima da nossa área, o que às vezes dá uma imagem de medo e de receio, mas às vezes tem muito a ver com a estratégia, que é o chamar o adversário, dar até a ideia que se está a ser dominado para depois poder em golpes rápidos poder surpreender o adversário.

T.S.: O que diz aos jogadores para que percebam essa parte do seu modelo de jogo? Quais as referências em termos de posicionamento e quais as preocupações no treino neste capítulo?

Ruca: Essencialmente treinamos essas situações na prática e aquilo que procuramos transmitir é que eles desçam para trás da linha da bola e neste caso para o nosso meio campo e estejam preparados para que a primeira barreira, que são os tais três homens da frente, seja ultrapassada, estejam numa linha em que possam receber a bola mais na frente, no espaço e serem rápidos e tirem partido do adversário estar balanceado para o ataque.

T.S.: Tendo em conta esse seu Modelo de Jogo que temos vindo a falar, como aborda o lado estratégico do jogo? Qual a importância que lhe confere e quais os comportamentos que altera, se altera, relativamente à preparação da acção ofensiva?

Aqui o lado estratégico refere-se às pequenas nuances no comportamento da sua equipa em função do adversário.

Ruca: Depende realmente dos dados que eu tiver do meu colaborador. As equipas normalmente também não mudam muita coisa não é!? Normalmente tem os seus modelos de jogo e jogam ou em 4-3-3 ou em 4-4-2. Agora é evidente aqui ou ali se me interessar alterar, é como eu lhe digo, há alturas que eu gosto e sinto que ao jogar no 4-4-2, meter dois pontas de lança que vou ganhar com isso, altero, dependendo do conhecimento do adversário.

T.S.: É a nuance que faz mais vezes?

Ruca: Sim é.

T.S.: Ultima pergunta: Numa semana-tipo para trabalhar a organização defensiva, quais os aspectos que tem em consideração na preparação dos exercícios?

Quando tenta trabalhar a organização defensiva da sua equipa, se põem a equipa a defender apenas um alvo ou uma linha, ou se por outra, propõem imediatamente outros exercícios depois de recuperarem a posse da bola.

Ruca: Normalmente nos treinos procuro essencialmente que eles tenham um bom posicionamento, tenham um bom sentido de ocupar bem o espaço que defendem e tenham um bom sentido de ocupar bem o espaço que defendem e um bom sentido de entreaajuda. Isto quer dizer que faço muito treino de 8x4 defesas 6x4 8x5, se a bola sai pelo ala direito o lateral esquerdo é que sai à bola e o outro tem de fechar, portanto mecanizar a defesa.

T.S.: Falou agora do 8x4 por exemplo, quando faz esse exercício propõem um objectivo extra para os quatro ou o objectivo é apenas recuperar a bola?

Ruca: Normalmente, quando me interessa mesmo que eles defendam bem é mais treinar por sectores só treino o aspecto defensivo e já estou a trabalhar o ofensivo com os homens que apenas estão a atacar.

T.S.: Ok, penso que é suficiente. Agradeço a sua disponibilidade e colaboração.

Anexo V

Entrevista Realizada a José Lopes

Treinador da Equipa Júnior do F. C. Famalicão

Estádio 22 de Junho (Famalicão), 03 de Junho de 2009

Tiago Salgado (T.S.): Começo por esclarecer que esta entrevista é referente ao modelo de jogo construído para a sua equipa, e não para o seu modelo de jogo ideal. Posto isto, a primeira pergunta é: Qual o sistema de jogo que o Famalicão utiliza? É o mesmo para defender e para atacar?

José Lopes: Isto tem muito a ver com a equipa onde estamos, e no campeonato onde estamos, mas fundamentalmente pelo nosso grupo e pela constituição do plantel. A partir do conhecimento que tive do plantel tivemos, como é lógico, pelo diferencial que existia entre a nossa equipa e as outras, tivemos que adoptar dois modelos de jogo: um para quando jogávamos contra equipas que, pela sua posição na tabela e pelo seu historial, eram claramente superiores a nós, optamos por treinar e sistematizar um método de jogo ofensivo mais de contra-ataque, com transições rápidas. Em termos defensivos, quando perdíamos a posse de bola, fazíamos uma transição rápida ofensiva-defensiva, uma reorganização rápida, tentar agrupar as linhas para uma primeira linha de pressão claramente definida.

T.S.: Em termos de sistema de jogo era o 4-3-3 ou...

José Lopes: Em termos de estrutural? Sim, jogamos sempre em 4-3-3.

T.S.: Foi um sistema sugerido pelo clube ou foi uma opção sua?

José Lopes: Não. Bem, eu entrei já o campeonato estava a decorrer, a equipa já tinha feito vários jogos. Depois de ter analisado, e tive a felicidade de quando entrei, o campeonato parou duas semanas, fizemos vários treinos e vários jogos que nós permitiu observar as qualidades dos jogadores e pensamos que, pelos jogadores que tínhamos, este sistema, ou esta estrutura, era aquela que mais se adequava. Mantivemos sempre esta estrutura e treinamos sempre para este sistema.

T.S.: Que tipo de organização defensiva pretende para a sua equipa relativamente à altura do bloco e ao tipo de defesa?

José Lopes: Isto vai um bocadinho de encontro aquilo que eu disse, porque tem a ver com a equipa que nós somos, nós optávamos por uma linha de pressão média-baixa, com as linhas bem juntas, digamos que utilizávamos uma zona mista. Havia alguns jogos em que exercíamos uma marcação mais individualizada e mais próxima de um jogador que tínhamos referenciado e que era um ponto de referência e que era, digamos, o desequilibrador da equipa. Mas nunca marcamos homem a homem, era zona mista e tentávamos que fosse uma zona mista pressionante, tentávamos fazer sempre a pressão do lado onde tivesse a bola para tentar fazer situações de dois contra um, com balanciamentos, passo a expressão, fortes, sempre com linhas muito compactas e media baixa.

T.S.: Que tipo de referências dá aos seus jogadores, em termos de posicionamento, para fazer frente ao ataque da equipa adversária? Se é o posicionamento da bola, o posicionamento do adversário...

José Lopes: Nós dividimos o campo em zonas e em sectores...estamos a falar de organização defensiva?

T.S.: Defensiva, exactamente...

José Lopes: A nossa organização defensiva, o ponto de orientação era sempre a bola. Aí sim, aí fazíamos os nossos balanciamentos em termos de zonas, reagrupamentos em termos de zonas, pressão sempre em termos de zonas e apostávamos muito, como disse em linhas juntas, compactas e tentar criar superioridade em termos defensivos naquelas zonas e sabendo que numa zona do lado contrário ao da bola estávamos a permitir que houvesse ali espaço, mas que com balanciamentos rápidos conseguíamos voltar a ter superioridade numérica nessa zona. Apostávamos muito nisto e dávamos estas referências pelas zonas em que dividíamos os campos...em três zonas, digamos em três corredores e em várias zonas: sector defensivo, sector médio defensivo e sector médio ofensivo e sector ofensivo.

T.S.: Prescinde de algum jogador na fase defensiva para depois o libertar para outras funções?

José Lopes: Como disse anteriormente nós apostávamos muito em transições rápidas. Nós achamos que temos de estar a defender mas ao mesmo temos de estar já, digamos, preparados para atacar. Nós criávamos uma linha de pressão média baixa, se a bola saísse daquela zona, nós tínhamos uma ou duas referências em termos de ataque, para quando ganhássemos a posse da bola, rapidamente a tentássemos tirar da primeira linha de pressão e fossem essas referências em termos ofensivos para podermos dar sequência à jogada ou em contra-ataque ou em ataque organizado, para depois as segundas linhas de apoio chegarem, ou seja, estávamos a defender mas já tínhamos...

T.S.: Isso depois da sua primeira linha ser ultrapassada?

José Lopes: Exactamente...

T.S.: Mas prescinde completamente de um jogador para depois o libertar para funções ofensivas?

José Lopes: Não.

T.S.: No caso de a sua primeira linha defensiva ser ultrapassada pela equipa adversária, o que pretende dos jogadores que a constituíam? Neste caso os seus três homens da frente.

José Lopes: Os nossos primeiros três homens se fossem ultrapassados tínhamos sempre dois, os dois do lado contrário à bola. Se a bola tivesse do lado direito tínhamos sempre o ponta-de-lança e o médio ala esquerdo preparados para essa eventualidade.

T.S.: Pode indicar aqui no computador, as zonas de pressão preconizadas, diferenciando onde a pressão exercida é mais activa (Pressing)?



José Lopes: Aqui havia dois tipos de pressão. Se fosse possível onde nós perdemos a posse de bola o nosso primeiro homem criar logo uma zona de pressão para dar tempo para a organização, aí sim fazíamos pressão forte, na primeira zona onde perdíamos a posse de bola, mais até aqui sobre as laterais. Se não fosse possível fazer essa pressão baixávamos para uma linha de referência e permitíamos algum tipo de organização.

Depois tínhamos também aqui outra nuance, nos jogos em casa, também dependia um pouco do adversário, mas tínhamos até como estratégia, deixar o adversário organizar, obrigá-lo quase a meter a bola no lateral e aí sim, pressão forte no lateral. Principalmente nos jogos em casa. Fora deixávamos organizar. A partir daí, quando a bola entrasse num desses corredores, lateral esquerdo, central ou lateral direito, aí sim a pressão era forte e activa e tentávamos então, criar superioridades numéricas nessas zonas, com balanciamentos de um corredor, que por vezes entravam nas zonas de outro.

T.S.: Existem zonas e momentos mais importantes para a sua equipa conquistar a bola ao adversário, ou a finalidade única é precisamente ganhar a bola?

José Lopes: Não te importas de repetir!?

T.S.: Se existe uma zona específica no campo onde é mais importante a recuperação da bola...

José Lopes: Quanto mais à frente ganhássemos a posse de bola melhor, porque estávamos mais próximos do alvo, neste caso da baliza. Mas pelo valor da nossa equipa e pelo diferencial que existia em relação aos adversários...tentávamos fazer isso, não é!? Mas preferencialmente tentávamos que ali na zona central, sector médio ofensivo, já não entrando tanto no sector ofensivo, tentávamos ganhar ali a posse de bola, para não

permitir que entrasse em zonas de finalização, ou então em zonas de cruzamentos que originavam finalizações.

T.S.: Qual a primeira preocupação no momento de recuperação da posse da bola? Se possui algumas referências para sair para o ataque? Que já disse que tinha, e se tem mais alguma preocupação?

José Lopes: Nós tínhamos uma primeira que era tentar tirar a bola da zona de pressão e jogar nessa referência ofensiva, o ponta-de-lança, que tentava fundamentalmente duas coisas, uma: segurar a bola para aparecer uma segunda onda de apoio, ou então, por vezes, quando tirávamos da zona de pressão tentávamos passes longos em diagonais para zonas contrárias, esta era a primeira. A segunda, não conseguíamos tirar da zona de pressão rápido, então aí sim, entrar em ataque organizado, com trocas bola, passes curtos, e aí sim não tínhamos problemas nenhuns em até, passar de uma zona ofensiva para uma zona mais defensiva, com os centrais a darem profundidade ao jogo e a serem elementos de ligação e de organização do ataque.

T.S.: A forma como pretende que a sua equipa defenda possui alguma relação com a forma como quer atacar? Se sim, de que tipo?

José Lopes: É como eu te disse, nós pretendíamos jogar agrupados, linhas juntas e compactas, tentar em algumas zonas superioridade numérica, para ganharmos a posse da bola e tentarmos rapidamente...

T.S.: Sim, mas essas zonas de pressão que me falou à pouco, por exemplo, tem alguma relação com a forma como pretende desenvolver à posteriori o seu ataque?

Não sei se me estou a fazer entender, o que pretendia saber aqui era se a forma como os seus jogadores defendem tem alguma relação com o tipo de ataque que quer fazer, ou se realmente os princípios defensivos não possuem nenhuma relação com os ofensivos?

José Lopes: Não, eles estão ligados, os momentos de jogo estão sempre ligados...

T.S.: Eles estão sempre ligados?

José Lopes: Estão sempre ligados...

T.S.: Aí é que está, eu queria perceber qual é essa relação, ou como é feita essa relação entre essas duas fases do jogo.

José Lopes: Nós tínhamos essa preocupação...Isto é um bocadinho complicado porque nós fomos uma equipa que os objectivos era claramente não descer de divisão, e alternávamos essas zonas de pressão muito com os adversários e com o jogo em casa e o jogo fora. Mas principalmente em casa tentávamos que esse bloco fosse um bocadinho mais à frente, para então aí sim, quando ganhávamos a posse da bola e então num corredor lateral, sairmos rápido. Porque nós tínhamos três jogadores de referência na frente, um ponta-de-lança que nos fazia muito bem as sequências e onde havia sequências rápidas, e alas rápidos, portanto interessava-nos ganhar a bola ali nas zonas médias e ofensivas para fazermos a transição e estarmos o mais próximo possível da baliza adversária.

T.S.: Falando agora um pouco sobre o lado estratégico do jogo. Aqui o lado estratégico refere-se às pequenas nuances de comportamento na sua equipa em função do adversário... Tendo em conta o seu modelo de jogo, eu queria perceber como aborda esse lado estratégico e qual a importância que lhe confere. O que altera? Se altera neste assunto específico, na preparação da acção ofensiva...

José Lopes: Bem, nós primeiro tínhamos sempre alguém que nos fazia observações e acreditávamos muito nesse tipo de relatório, já que não

tínhamos possibilidade de ver os nossos adversários, e depois numa segunda volta, além de termos esse tipo de observação também já tínhamos referências e dados que ficávamos do jogo que tínhamos feito, o que nos foi muito importante para a segunda volta termos esses dados.

Nós tínhamos exercícios padrão que eram sistematizados e eram treinados, rotinas, e exercícios visavam esse tipo de modelo que tivemos que adoptar. Depois a parte estratégica... Estás a referir-te aqui mais em termos tácticos?

T.S.: Sim, exactamente...

José Lopes: Ou mais uma abordagem psicológica?

T.S.: Também uma abordagem psicológica se achar que tem relevância...

José Lopes: Pronto... Porque lutamos permanentemente por uma não descida de divisão e andamos sempre ali naquela zona de descida e não descida, portanto, isto cria nos jogadores muito desgaste e muita pressão e a partir de determinado momento, qualquer jogo era um jogo muito importante e decisivo. Por vezes, digamos que optávamos por criar variantes nos nossos exercícios modelo não tão exigentes, para que eles tivessem sucesso, ou seja, criar um clima de treino positivo. Já havia o factor psicológico de irmos jogar contra determinado adversário, onde existia uma diferença pontual grande e achávamos nós que era, em termos psicológicos, ainda mais marcante, se tivéssemos uma semana onde não houvesse o factor sucesso. Os nossos exercícios e a nossa estratégia passava por criar situações onde os nossos atletas tivessem muito sucesso, porque sabíamos que na competição as dificuldades iriam ser grandes. Era muito este tipo de estratégia que adoptávamos em termos de exercícios, dentro daqueles exercícios padrão, ligados aquele modelo que nós queríamos.

T.S.: Em relação à preparação da acção ofensiva, o lado estratégico que falamos, influencia a preparação da acção ofensiva? Se aqueles dois jogadores que disse à pouco que libertava mais para funções ofensivas, continuam a ser libertados em jogos teoricamente mais difíceis da mesma forma como faziam em jogos mais modestos?

José Lopes: Quando nós jogávamos com os adversários que, pela pontuação e pelo campeonato que estavam a fazer, estavam muito iguais a nós, nunca mudávamos muito o nosso modelo. O que mudávamos mais eram as nossas linhas de pressão e principalmente em casa contra esse tipo de adversários, adoptávamos muito mais aquela segunda situação de ao ganhar a posse de bola não apostar tão rapidamente na transição, apostar mais no jogo apoiado. Ou seja, nós tentávamos incutir nos jogadores que, mesmo tendo sempre esse modelo de referência, de transições rápidas, que nesse tipo de jogo, ganhávamos a posse de bola, mas não tendo tanto essa preocupação de primeiro momento de transição rápida, mas temos a bola vamos apostar em jogo organizando, passes curtos, triângulos apoiados, triângulos curtos.

T.S.: Ultima pergunta: Numa semana-tipo para trabalhar a organização defensiva, quais os aspectos que tem em consideração na preparação dos exercícios?

Queria perceber se tem outras preocupações, para além de defender um alvo, uma baliza ou uma linha, se tem outras preocupações. Quando tenta trabalhar a organização defensiva para a sua equipa, os seus feedbacks centram-se apenas na acção defensiva, ou possuí mais alguma preocupação...

Isto agora mais numa perspectiva do treino...

José Lopes: Nós tentávamos ter as indicações o mais pormenorizadas possível das características dos jogadores e tentávamos transmitir isso, para melhorarmos os posicionamentos e a forma de abordagem para defender. Nós

preocupávamo-nos em dizer aos nossos laterais se os alas eram rápidos, quais eram as suas principais características, qual a sua maior tendência, de virar para a esquerda, virar para a direita, qual era o pé dominante. E em alguns desses exercícios, tentávamos corrigir, dar esse feedback, dávamos este sentido de posicionamento, em função das características do adversário, aqui mais individuais, mas depois também as tendências ofensivas do adversário, que não tivemos muito, mas tivemos mais na segunda volta, quais as principais combinações ofensivas do adversário, para podermos anulá-las, os seus pontos fortes.

T.S.: Mas nesses exercícios que fala, tenta fazer uma abordagem mais global e relacioná-los imediatamente com os princípios ofensivos?

José Lopes: Por vezes fazíamos situações sectoriais e depois fazíamos intersectoriais.

T.S.: Mas mesmo dentro das sectoriais, dá outro objectivo para além de defender?

José Lopes: Não...dependia muito. Numa primeira fase, se fosse um exercício sectorial mais em termos de posicionamentos, balanciamentos e de pressão sobre o portador da bola. Digamos, numa primeira abordagem do exercício, depois criava uma variante de quando ganhávamos a posse da bola, mesmo esses jogadores, e principalmente os alas, fazerem transições rápidas, com dois alvos, ou com passagem de uma linha, já a preparar a transição ofensiva. Mas quando depois trabalhava os intersectoriais, inter-sectores, então aí sim, para além de recuperar a posse da bola, já então, ligávamos a uma transição rápida.

T.S.: Ok, acho que consegui perceber tudo que pretendia. Mais uma vez obrigado pela colaboração.

Anexo VI

Entrevista Realizada a Fernando Baptista

Treinador da Equipa Júnior do Vizela FC

Estádio do F.C. Vizela, (Vizela) 21 de Junho 2009

Tiago Salgado (T.S.): Começo por esclarecer que esta entrevista é referente ao modelo de jogo construído para a sua equipa, e não para o seu modelo de jogo ideal. Posto isto, a primeira pergunta é: Qual o sistema de jogo que o Guimarães, neste caso, utiliza? É o mesmo para defender e para atacar?

Baptista: Eu peguei a meio na equipa e acabamos por utilizar dois, eu tentei implantar o 4-3-3 e depois dei-me conta que os jogadores não se conseguiam adaptar, porque já vinham desde iniciados até aos juniores sempre a jogar no 4-4-2, mas é um 4-4-2 que eles chamam-lhe a tática do “pirilau”, que é um 4-2-2-2. Quando me apercebi não consegui e depois pus um 4-4-2 clássico porque tínhamos uma equipa muito inexperiente e foi assim que jogamos mais.

T.S.: Foi então um modelo bastante influenciado pela política do clube?

Baptista: De certa forma foi, porque eu tive de me adaptar aquilo, porque era uma política aqui do clube, que jogava-se desde os iniciados até aos juniores nesse sistema, mas aquilo era mesmo um sistema, era um sistema implantado. Se viesse, por exemplo, um extremo muito bom jogador não tinha espaço, era só interiores.

T.S.: Que tipo de organização defensiva pretende para a sua equipa relativamente à altura do bloco e ao tipo de defesa?

Baptista: Opto geralmente por uns laterais altos, uns bons centrais a jogar bem de cabeça, a defender à zona. Em termos de altura do bloco, gosto de um bloco alto, se possível alto, mas é difícil conseguir escolher...

T.S.: Que tipo de referências dá aos seus jogadores, em termos de posicionamento, para fazer frente ao ataque da equipa adversária? Se é o posicionamento da bola, o posicionamento do adversário...

Baptista: São três referências, a bola o espaço e o jogador.

T.S.: Existe algum jogador chave com mais preponderância nesse posicionamento?

Baptista: Não, funcionam os três da frente. Se a bola tiver por exemplo na esquerda, o jogador fecha bem ali e o do lado contrário fecha bem no meio, e do lado direito igual.

T.S.: Prescinde de algum jogador na fase defensiva para depois o libertar para outras funções?

Baptista: Essencialmente os laterais...

T.S.: Na fase defensiva ainda...se prescinde de algum jogador para depois o libertar para tarefas mais ofensivas?

Baptista: Ah defensiva, não, não prescindo de ninguém, só se tivéssemos a perder é que poderíamos adoptar outras...mas no caso de estarmos empatados ou a ganhar, não prescindo. Eu gosto sempre de ter cinco homens naquela linha ali...

T.S.: Naquela linha??

Baptista: Por exemplo, 4-1 ou 3-2 essencialmente atrás da linha da bola, aí sabemos que estamos em segurança.

T.S.: No caso de a sua primeira linha defensiva ser ultrapassada pela equipa adversária, o que pretende dos jogadores que a constituíam?

Baptista: Se for batido não é?

T.S.: Exactamente.

Baptista: Aguentar no espaço, temporizar, se possível levá-los para a linha...

T.S.: Mas pede que esses jogadores façam o quê? Que recuem que assumam uma posição específica...

Baptista: Procura mais contenção.

T.S.: Os jogadores que foram ultrapassados? Por exemplo os seus dois homens da frente? Disse-me que jogava em 4-4-2, a partir do momento que são ultrapassados, o que pretende desses dois jogadores?

Baptista: A minha política é, imagina que ele vai lá e é passado, se vai o outro, tenta ajustar logo, que é troca de posição troca de função. Se ele troca, tenta ocupar logo, fechar dentro, por exemplo, sai lá o ponta-de-lança ou o médio, e o outro ponta-de-lança fecha logo no meio.

T.S.: Pode indicar aqui no computador, as zonas de pressão preconizadas, diferenciando onde a pressão exercida é mais activa (Pressing)?



Baptista: A nossa equipa, como não era muito boa, a nossa zona de pressão não era muito alta. Eu cheguei a jogar só com dois jogadores do segundo ano, e os outros que vinham dos juvenis do distrital, que tinham subido, portanto era uma diferença muito grande. Normalmente começávamos a pressionar aqui, e tentávamos ter uma equipa curta, até aqui. Mais um bocadinho, menos um bocadinho, dependendo também dos adversários.

T.S.: Existem zonas e momentos mais importantes para a sua equipa conquistar a bola ao adversário, ou a finalidade única é precisamente ganhar a bola?

Baptista: Como disse a nossa zona não era muito alta, por isso interessá-nos deixar o adversário subir e recuperar a bola já no nosso meio campo, no nosso meio campo mas não muito atrás, para explorar o espaço nas costas da defesa do adversário.

T.S.: Qual a primeira preocupação no momento de recuperação da posse da bola? Se possui algumas referências para sair para o ataque? Que já disse que tinha, e se tem mais alguma preocupação?

Baptista: É assim, nós tínhamos um jogador muito rápido na frente, se pudéssemos sair rápido no contra-ataque tudo bem, se não fazer campo grande e começar a sair. Nós jogávamos com dois avançados, neste caso era o Gustavo.

T.S.: Após a recuperação da posse da bola, pretende que os seus jogadores procurem a baliza adversária ou o objectivo é apenas manter a posse da bola?

Baptista: O primeiro objectivo era, se pudéssemos jogar para a frente, era o primeiro objectivo, era o passe em profundidade. Se não desse, era tentar depois organizar para sairmos organizados.

T.S.: A forma como pretende que a sua equipa defenda possui alguma relação com a forma como quer atacar? Se sim, de que tipo?

Baptista: Sim, eu disse que aquela zona era onde nós...por exemplo, nos contra o Porto pressionávamos mais alto, e se calhar você diz-me assim e contra o Porto pressionam mais alto?? Mas porque eles tinham dois centrais

que com os pés tinham grande dificuldade e então nos não os deixávamos começar a construir que era para eles baterem e esse jogo foi um dos nossos melhores jogos, lá perdemos só 1-0. E também há outra coisa, nesse jogo nos conseguimos ter a observação de jogo deles, nós a maior parte dos jogos não conseguimos, era bom ter um observador, esse tivemos.

T.S.: E essa pressão que fez por exemplo contra o Porto tinha alguma relação com a forma que queria atacar, ou era apenas para condicionar o ataque contrário?

Baptista: Era uma estratégia essencialmente para isso, para eles não conseguirem sair a jogar, porque o valor de cada jogador deles é bastante superior aos nossos, se os deixássemos sair a jogar era complicadíssimo.

T.S.: Falou-me nesse jogo do Porto, mas em jogos contra equipas mais modestas, a forma como a sua equipa defende possui alguma relação como posteriormente quer atacar?

Baptista: Tinha um bocadinho, porque a nossa zona não era muito alta, tínhamos jogadores rápidos, chamávamos um bocadinho para depois sair o contra-ataque.

T.S.: E o que diz aos seus jogadores? Que referências lhes dá em termos de posicionamento?

Baptista: Nós normalmente temos a referência dos bancos. Normalmente os bancos de suplentes são sempre aquela referência para baixar ali, e quando ganhamos a posse de bola, aquilo que eu disse à bocado, se pudéssemos fazer ataque rápido fazíamos. O que eu notei nos miúdos é que os centrais são, a maior parte, muito lentos e então era uma estratégia porque a nossa equipa era muito fraquinha em termos de valores.

T.S.: Tendo em conta o Modelo de Jogo que preconiza para a sua equipa, como aborda o lado estratégico do jogo? Aqui o lado estratégico refere-se às pequenas nuances no comportamento da sua equipa em função do adversário.

Qual a importância que lhe confere e quais os comportamentos que altera, se altera, relativamente à preparação da acção ofensiva?

Baptista: Em função do adversário, nós quando tínhamos o conhecimento, porque nós tivemos só de três ou quatro adversários só, portanto não tínhamos aquele conhecimento muito... Tínhamos aqueles princípios nossos mesmo, mas eu nesse aspecto tive grande dificuldade, porque eu cheguei a meio e a forma que eu penso, não consegui. Muitos miúdos foi difícil, porque vinham com aqueles vícios de muito tempo e é difícil. Essencialmente foi um bocado gerir e tentar aos poucos mudar alguma coisa, mas quando os resultados também não eram os melhores, torna-se complicado, os miúdos começam também a não acreditar em nós.

T.S.: Teve também dificuldade porque na segunda volta não pode abordar muito esse lado estratégico porque não conhecia da primeira não é!?

Baptista: Pois, não deu para...foi um bocado gerir percebes!?

T.S.: Numa semana-tipo para trabalhar a organização defensiva, quais os aspectos que tem em consideração na preparação dos exercícios?

O que queria perceber é se quando prepara a equipa defensivamente, quer que a sua equipa defenda apenas um alvo ou...

Baptista: Fazíamos por exemplo às vezes aquele treino de duas balizas, para eles defender uma e quando eles viram o jogo... Mas nós temos grandes

dificuldades para treinar, se fosse uma equipa sénior seria diferente, eu só tenho meio campo para treinar. Uma época inteira com meio campo e com vinte e quatro miúdos é complicadíssimo, e há tipos de treino que gostamos de fazer e não conseguimos fazer.

T.S.: Mas a pergunta era mais no sentido se propõem um objectivo a seguir à recuperação da bola ou se o objectivo principal é apenas a recuperação?

Baptista: Geralmente sempre com um objectivo depois a seguir.

T.S.: Bem, penso que conseguimos passar pelos pontos todos, acho que fiquei esclarecido. Obrigado pela colaboração.